

Por onde ecoaram nossas vozes?

Para responder essa pergunta provocativa do Memorial da Resistência de São Paulo, muitas lembranças, fragmentos, salas fechadas, silêncios, medos e sonhos foram juntados por um grupo de mulheres que viveram suas infâncias, adolescências, juventudes e a maturidade forjada nas ruas do território da Zona Sul, nos encontros de jovens, nas lutas por educação e moradia, creches e postos de saúde, e cultura para aliviar a aridez de um cotidiano de panelas vazias, greves dos trabalhadores, torturas e desaparecimento de pessoas que ousaram sonhar um mundo bom para todas.

A Coletiva de Mulheres - Expresso Periférico de pronto se encantou pelo registro dessas memórias, pois acredita na escrita como aproximação para retratar e falar com as nossas. Donas das suas palavras, caminham com seus textos e sabem que publicá-los é uma subversão.

RESISTÊNCIA tem VOZ de Mulher

RESISTÊNCIA tem VOZ de Mulher

1ª edição

São Paulo

Publication Studio São Paulo

2023

AGROPA



MEMORIAL DA
RESISTÊNCIA
DE SÃO PAULO

BAJUBÁ
MEMÓRIA.LDBT



N LUTA
PRESENTE
SOMOS
MAIS



Handwritten scribbles or marks at the bottom right of the page.

PENSAR



POR ONDE ECOARAM NOSSAS VOZES?

Coletiva de Mulheres

Para responder essa pergunta provocativa do Memorial da Resistência de São Paulo, muitas lembranças, fragmentos, salas fechadas, silêncios, medos e sonhos foram juntados por um grupo de mulheres que viveram suas infâncias, adolescências, juventudes e a maturidade forjada nas ruas do território da Zona Sul, nos encontros de jovens, nas lutas por educação e moradia, creches e postos de saúde, e cultura para aliviar a aridez de um cotidiano de panelas vazias, greves dos trabalhadores, torturas e desaparecimento de pessoas que ousaram sonhar um mundo bom para todas.

A Coletiva de Mulheres - Expresso Periférico de pronto se encantou pelo registro dessas memórias, pois acredita na escrita como aproximação para retratar e falar com as nossas. Donas das suas palavras, caminham com seus textos e sabem que publicá-los é uma subversão.

Já inseridas em vários coletivos de luta na região, era desejo dessas mulheres ocupar um lugar em que o feminino fosse pauta e que tivesse representatividade e prioridade. Primeira-

mente, a missão era escrever na sessão “Nosso Lugar de Fala” do Jornal virtual Expresso Periférico e, há mais de 2 anos, ao longo das muitas lutas, fortalecemos espaços de ativismo em defesa dos direitos das mulheres da nossa região.

Na Coletiva nós dividimos nossos saberes, nossas escritas, nossas dores e nossas conquistas. Cada uma vem de uma história diferente, somos de várias idades, sotaques, cidades. Não estamos completas e por isso o medo de aprender com a outra vai sumindo um pouquinho todos os dias, até porque, mesmo não estando completas, temos tanto conhecimento em nós que até transborda e por isso partilhamos.



Nosso lugar de fala.
Expresso Periférico.
Março de 2021.
Disponível em:
<https://expressoperiferico.org/nosso-lugar-de-fala>

Assim, fizemos um chamamento para que mulheres do território se somassem a nós, em uma roda de conversa para colocar em movimento o tema: *Atemporalidade da repressão e da resistência*. Construimos em dois momentos, um presencial e outro virtual, a partilha das nossas memórias, conquistas e o momento atual. A roda fez parte de insumos que a Coletiva de Mulheres do Expresso Periférico utilizou para compor este material escrito (provavelmente livro!) que registra a trajetória das lutas das mulheres no território do Jardim Miriam, como parte do percurso Curatorial “Gênero e Ditadura”, realizado pelo Acervo Bajubá à convite do Memorial da Resistência.

Sabemos que o Jardim Miriam, na década de 1970, completamente desprovido de equipamentos públicos, e com uma massa de trabalhadoras e trabalhadores residentes no bairro, valeu-se da luta de mulheres aguerridas para trazer educação, creches, moradia, UBS e lazer para a região.

Disparamos algumas provocações, propusemos um percurso (respeitando a trajetória e a individualidade de cada uma para partilhar e registrar suas memórias) e assim pautamos nossa **Roda de Conversa: Atemporalidade da Repressão e da Resistência/Mulheres em seu lugar de Resistência**

Memórias do período da Ditadura no território

Quais foram os primeiros disparadores para construir e ocupar os espaços de resistência contra a opressão, que desencadearam no seu envolvimento na construção de uma organização de lutas sociais?

Como se relacionam a diversidade de mulheres e suas expressões, para além do apoio privado, ocupando o front para traçar estratégias de lutas junto à população?

Como era o convívio no cotidiano das organizações, levando em conta a pluralidade de pensamentos, gênero, raça? E como você, mulher, foi impactada?

Apesar das lutas feministas em nosso país terem ganhado visibilidade no decorrer das últimas décadas, como você avalia o machismo/patriarcado dentro das diversas lutas?

A maternidade e o machismo merecem um olhar especial nessas resistências e disposições de lutas por um mundo justo e igualitário?

A força do coletivo foi determinante para a caminhada e para nós, mulheres, romperem o silêncio frente a todas as violências que sofremos?

A Roda resultou em reflexões, com falas livres e cheias de cumplicidades, que representaram o que cada uma gostaria de deixar e registrar nesse arcabouço de memórias afetivas e resistência.

Ainda nos valem de textos escritos pela Coletiva de Mulheres para o Jornal Expresso Periférico, que estão citados e grafados na publicação. A leitora pode ter acesso à íntegra dos textos acessando o site expressoperiferico.org.

Os encontros ocorreram em outubro de 2022. Para o encontro presencial, e o despertar dessa construção, a acolhida foi na Casa Delas (Rua José Eid Maluf 20, Americanópolis). A Casa Delas é um espaço que abriga a coletiva “Deixa Ela To-car”, grupo de mulheres que acolhe as expressões artísticas de mulheres da periferia da Zona Sul de São Paulo. O espaço fomenta o feminino, tornando-se um lugar de debate provocativo, libertário, criativo e afetuoso, criado para (re)pensar a mulher em sua potencialidade artística.

Para o encontro virtual, acolhemos aquelas que não puderam comparecer no presencial, mas tinham suas contribuições e partilhas, experiências e notas sobre a importância do feminino nas frentes de luta e resistência.

O resultado dessas Rodas de Conversa está registrado nesta publicação. São reflexões sobre as transformações sociais, individuais e coletivas. Os vínculos entre a diversidade, a ancestralidade, os pactos femininos que são feitos para essa imensa periferia VIVER e os pensamentos que percorrem o nosso desejo. O desejo utópico de liberdade para **todos os corpos**.

Sim, podemos desejar!

UMA NATION DIVERSA, PRECISA ENCONTRAR
NO CENÁRIO DA POLÍTICA SUA REPRESENTAÇÃO
FEMININA, NEGRA, INDÍGENA, LGBT,
PERIFÉRICA, ARTÍSTICA.

O MUNDO SÓ SERÁ UM LUGAR BOM
PARA TODOS, QUANDO AS MULHERES
OCUPAREM OS ESPAÇOS DE DECISÃO, FOREM
RESPEITADAS EM SUAS FALAS, CONSTRUINDO
ESTRATÉGIAS PARA ALÉM DA MEDIOCRIDADE
INDIVIDUALISTA. QUE A COLETIVIDADE SEJA
A REGRA E QUE TODAS E TODOS CAMINHEM
PARTILHANDO SONHOS E EMPRESTANDO SEUS
OMBROS PARA A NECESSIDADE DO OUTRO.

QUE AS DIFERENÇAS NÃO NOS DEFINAM,
MAS SEJAM A POSSIBILIDADE DE,
HARMONIOSAMENTE, ENCONTRARMOS
EQUILÍBRIO ENTRE O HUMANO E A NATUREZA.



NINGUÉM VAI NOS SILENCIAR

_ Vou começar dando uma boa tarde pra todo mundo.

Saudar minha ancestralidade, as mais velhas, igualmente as mais novas. Quero agradecer a Casa Delas por nos receber aqui nesse projeto, que é um projeto construído com resistência e luta e vou passar a palavra para ela, para que ela fale do projeto e depois tem outras membras da Coletiva aqui, falar um pouquinho da Coletiva também.

_ A Casa Delas tá desde o primeiro de Abril de 2022 nessa

casa, Primeiro de Abril, dia da mentira! A gente entrou na casa, assinou o contrato dia primeiro de abril, e aí a gente tá pelo Fomento das Periferias de São Paulo, que é uma grana que a gente escreve para um edital e capta e consegue desenvolver alguma coisa na área cultural. E aí eu venho dessa caminhada já tem uns dez anos, mais ou menos, eu vinha de outros editais menores, tipo o VAI, que é o programa de valorização de iniciativas culturais e aí fui conseguindo constituir aos poucos, com outras mulheres da região, tecendo essa rede... A gente não

tinha nada basicamente, mas a gente tinha a estrutura dos equipamentos, porque a gente já tinha de outros coletivos do VAI, aí foi juntando outras coletivas, daqui a pouco falamos sobre o sarau, que nem o Sarau do Vinil. Também vinham desse corre, também se uniram com a gente ali na quadra da escola de samba, a gente não tinha espaço, era um desejo coletivo, eu acho, há muitos anos, sempre quando a gente conversava, de ter um espaço na Cidade Ademar para a cultura e que evidenciasse a questão das mulheres, e a gente não tem nada, a gente não tem nem biblioteca, nem prefeitura, nem governo, então o que a gente pudesse ter, seria importante.

_ Nós por nós...

_ É, foi um apelo muito forte no fomento, conseguiu essa verba e falou, vamos montar a casa. E começamos a montar, né? E nessa montagem da casa, a Coletiva se fortaleceu, se fortaleceu em alguns pontos e foi vindo mais pessoas. Agora a gente já tá num ponto que a gente tá recebendo outras coletividades, assim, e às vezes é de uma maneira tão orgânica que a gente não se organiza muito pra isso, simplesmente a casa tá lá e tal e acho que foi o que aconteceu pro evento de hoje. Tem uma coletiva que é Música de Mulher, Música para Mulher, e elas tão se organizando aqui também na casa. Então a Casa tá começando a ser não só Deixa Ela Tocar, a Casa Delas, e se tornando a casa delas mesmo, porque tem outras mulheres e aí eu fico feliz, lisonjeada de vocês estarem hoje aqui. É, por mais que seja assim numa correria do caramba, porque são muitas coisas que estão acontecendo, né, eu também sou professora, dou aula em escola pública, então assim, conciliar algumas coisas fica difícil, mas assim, eu fico feliz porque tá acontecendo e a casa tá fortalecendo a união de outras mulheres e eu acho que essa é a

função e que a gente quer caminhar. Porque a gente trabalha com esses equipamentos de som e muitas vezes a gente começou a trabalhar com homens e a gente é excluída do processo de montagem, eu falo isso como uma pessoa que é excluída do processo de montagem e tenho muito orgulho das outras coletividades que trabalhei com homens, mas tinha sempre alguns problemas aí relacionados a isso e eu tô conseguindo aos poucos ir aprimorando, culturalmente falando e tecnicamente falando. Então teve essa oficina e fora isso, a casa tem outras oficinas: percussão, canto e cordas, todas essas ligadas à área mais artística e as mostras com artistas preferencialmente da região, que são periféricas, que estejam com algum trabalho muito focado na área musical, digo aqui a “Casa Delas”, mas não deixa de abrir espaço para qualquer outro tipo de iniciativa que tenta desconstruir o machismo, e essa existência que a gente tá fazendo aqui, que eu acho que é isso. Às vezes, eu nem sei como exatamente contribuir, mas me chamaram e porque é algo legal, não vai ser uma coisa ruim. Então, é isso, e tô feliz, é meu primeiro dia de férias da escola. O governo me concedeu uma semana de férias, mas já dá um respiro e eu quero aproveitar esse tempo pra pensar mais coisas aqui pra casa, e estou feliz de vocês estarem aqui. Acho que eu falei pra caramba. Falei que eu não ia falar, mas falei pra caramba.



A fé que transforma.
Expresso Periférico,
julho de 2022. Disponível
em: <https://expressoperiferico.org/a-fe-que-transforma-cultura-de-guetho-cultura-negra-ubuntu>

**O lugar insurgente ocupado
pela mulher preta periférica
que atua nas lutas históricas
por direitos, transformando
vidas e território... A arte
pode transformar vidas!**




_ O Sarau do Vinil, no mês passado a gente fez onze anos de Sarau do Vinil, é tempo pra caramba de um coletivo, de um movimento cultural periférico, muito grande, de muitas brigas, de muitos acertos, muitos erros, muita resistência. É... A gente, mano, luta pela cultura dentro da periferia mesmo, seja poética, musical, eu acho que o Sarau do Vinil, de antes de mim, depois de mim...

[...]

_ Se a gente tivesse a consciência, essa consciência que a gente tem hoje do machismo, dessa coisa, dessa falta de espaço, de tudo isso, eles deram tantos passos para gente naquela época, mas a gente não concordou com isso. Porque se tivesse acordado naquela época, aí não ia ter pra ninguém. Vocês mais do que eu, aqui tem um grupo, nessa região, que as mulheres têm um destaque, não sei... assim, então, eu não tinha noção na época do machismo.

_ por muito esforço, né? Porque se não fosse por esforço, a gente continuaria atrás deles.

_ Exatamente. É uma luta diária, e diária, gente. Não tem jeito. Em qualquer setor, em qualquer lugar que a gente esteja. Você entra e já, né, qualquer coisinha que você fala um pouquinho a mais ou que você... eu moro numa região, em que o pior e vai demorar, para que isso circule por esse país todo, por esse mundo todo. Por isso que eu falo de estar lá no local, sabe, ali na fonte. Você tem informação, vai na fonte, não adianta, não sei se eu to falando merda, mas cê tem que ir lá. Se você não for, ela não foi. Aí depois que você vai lá, que você planta uma sementinha, planta uma interrogaçãozinha na cabecinha, aí ela foi. E uma outra coisa: tentar usar uma linguagem que elas entendam. Porque senão, nós nunca vamos chegar lá.



...E ao olhar para dentro de nós, para nossas trajetórias construídas a partir de vários locais diferentes, compreendemos que somos o que somos porque não estamos sós. Antes de nós, vieram nossas bisas, nossas avós, mães, tias, algumas com filhas, todas com irmãs, sendo de sangue ou não. E em cada reunião marcada para pensarmos na nova matéria para o jornal, olhamos ainda mais para essa diversidade que é ser mulher e então, mesmo com toda a violência que vem acontecendo no Brasil e no mundo, ampliada em tempos de

pandemia, mesmo com homens se achando no direito de nos violentar, porque aprenderam, nessa estrutura machista, que o corpo da mulher é uma mercadoria para ser consumida quando e como desejar. Mesmo trabalhando duas vezes mais que os homens e recebendo os salários mais baixos, nós decidimos não nos calar. Nós entendemos que, se ficarmos unidas, vai ser muito mais difícil alguém nos silenciar. Compreendemos ainda que o Gêneros e Diversidades não comporta mais tudo o que queremos trazer...



Nosso lugar de fala. *Expresso Periférico*, março de 2021. Disponível em: <https://expressoperiferico.org/nosso-lugar-de-fala>

Eu moro numa região em que o homem se ele chegar na minha casa, no meu sítio, e o meu marido não estiver, ele pode ser meu amigo, o que ele for, ele não entra. Ele não entra, ele não toma um café comigo. Então lá na minha região, eu sou o ET, entendeu? Eu sou um ET: “oh, fulana, chega aí, entra aí, não sei que lá”, os caras pensam “ essa mulher deve ser louca”.

_ Além de ser vagabunda, né, porque isso assim...

_ Isso sem dúvida...

_ Como se fosse do bordel...



O cansaço, às vezes, se abate sobre essas mulheres que a sociedade teima em não enxergar como sujeitas de direito, mas lhes dispensa o tratamento de acessórios de todas as desgraças da humanidade. Para nos eliminar, sim, somos constantemente eliminadas, dos postos de trabalho, da vida pública, da política, das universidades que se valem da superficialidade da ausência de argumentos para sufocar nossos sonhos.

Mas somos uma reação química em constante ebulição, bruxas em silêncio, aquietadas dentro dos panos, mas fazendo planos.

Como estão as mulheres na pandemia do Vírus? Expresso Periférico, janeiro de 2021.
Disponível em: <https://expressoperiferico.org/como-estao-as-mulheres-na-pandemia-do-virus/>

_ Pois é. E assim em todos os lugares, eu já tive reuniões, eventos assim, que o cara chega, cumprimenta o homem e não cumprimenta a esposa que está do lado.

_ Ou dá três passos pra trás.

_ Mas isso que você está falando e também é não só no lugar onde você mora, mas no contexto em que estamos, de alguma maneira, segue latejando muito forte o machismo, em nossos lugares. Além de nós procurarmos como mulher nos fortalecer, temos que estar sempre nessa luta constante, porque como elas tem que lutar, porque todas nós em cada um dos espaços em que estamos e nas lutas em que estamos, além da própria causa, vem o “ser mulher”... então como que fica afetado isso? Fico pensando muito nos interesses e nas lutas de ego que há por trás dos machismos que se reproduzem... Acho que tem muita potência a fala que você está fazendo, não do lugar que você mora, não que o Jardim Miriam que deixou isso porque está presente a Coletiva de Mulheres, não, ainda continuamos nessa luta constante para além das famílias. Os movimentos sociais, procurando, não acontecem só no interior da família, é constante.

_ Você tem que estar o tempo todo.

_ É uma coisa muito forte na nossa adolescência, que era essa presença, a presença da mulher no privado e não no público. Era minha mãe, era minha avó, sua mãe... e a gente ia... e assim, esse sair do privado, né, e ir para o público, foi um processo também para nós que a gente não percebeu e nós estamos fazendo esse movimento.


_ Estava no meio disso tudo.

_ Sim, sim. A gente tem esse pertencimento de lugar, para a gente existia uma coisa tão maior que era a luta de classe, que foi aí que nós fomos formadas, que a gente deixava passar uma série de coisas, a gente ficava cozinhando a noite inteira. Quantas vezes não fizemos isso? Cê entendeu? Nós, mulheres, só mulheres, a noite inteira. E eles estavam aonde? Tomando uma cachaça. A gente cozinhava para as coisas que a gente ia fazer. A gente ia fazer uma ação em tal lugar, então a gente levava comida e passava a noite cozinhando. E os nossos companheiros, eles ficavam sentados tomando cachaça e organizando a revolução, né? Só que a grande revolução tava lá, né, a ser feita...

_ Eu fico revoltada com o por que eu não fiz diferente antes, sabe? Eu fico doida da vida, quando começam essas discussões assim, eu fico até brava comigo, eu digo “poxa vida, eu devia ter feito diferente”.


_ O que você falaria para essa você que estava lá?

_ Ai meu Deus! Agora cê me pegou! Toma consciência! Vai no quartinho e arrebenta. Sabe? As nossas não, mas é ruim, as nossas foram criadas ali em volta da gente e a gente o tempo todo não exigindo, mas sempre mostrando: “tá vendo isso? Não pode. Tá vendo isso? Também não pode”. Porque a gente tinha e... porque depois de um certo tempo, assim que a gente passou a ir para outras lutas. Por exemplo, eu fui pro sindicalismo, eita meu Deus. Nós fomos para o movimento de bancários, eu era bancária e fui pro sindicato dos bancários, depois eu me mudei e fui correr de barrigão da polícia lá com o sindicato dos bancários, voltei pra cá e continuo correndo, né? Porque eu fui pra esses encontros clandestinos aí e tava de cinco meses aqui na barriga. Eu ainda não sabia nem pra onde



Bora classe trabalhadora
Quero num dia desses de traba-
lho poder ficar sem pensar:
Será que hoje vai render?
Será que no final do mês vai dar
para pagar?
Fico nesse emprego até o ano
acabar?
São tantas inquietações e o pior!
Nem mesmo posso reclamar
Tem muitas outras que queriam
estar onde consegui chegar.
Tem aquela sem emprego e
tem ainda a que trabalha em
lugar pior.
Umás sem renda alguma
Catando aqui e ali para não
morrer como indigente por aí.
Outras que recebem o benefício
Que mesmo nem dando para se
manter
O povo fala: aí vagabunda!!
Vai trabalhar mulher!
O governo não tem obrigação de
te sustentar!
Engraçado que benefício de
governo para pobre é assisten-
cialismo, é esmola.
E para político é verba parlamentar.
O que eles recebem no mês de
salário, paga o meu do ano todo
E ainda sobra para festejar.
Tem também a verba gabinete,
auxílio moradia...
E é o auxílio gás que faz o Brasil
afundar?

O fim da verba paletó levou anos
para consolidar,
Já do auxílio emergencial; foi
bem mais fácil aprovar.
Quero um dia desses, sentar no
transporte público
E para o emprego rumar
Com a cachola se preocupando
só com a paisagem para
contemplar.
Sem cansar mesmo antes de lá
chegar.
Não sei se é assim com você, mas
eu não gosto do jeito que está.
É mulher ganhando menos.
Jovem sem saber se sua vez vai
chegar
São idosos jogados no limbo
E o Brasil nessa balbúrdia de
matar.
Sei que nada de presente nos
foi dado.
Já dizia minha mãe e outras
tantas como ela
Que para alguma coisa lá na
frente mudar
Precisamos nos mexer desde já.
Então bora.
É na escola. Nos conselhos de
saúde.
Nos grupos de luta popular.
Vai se mexendo logo.
Se organiza.
Não para!
Se você não organiza a casa,
vem outro dizendo arrumar.
Te joga na sarjeta
E faz o povo acreditar que a
culpa é tua.
Que a pobreza está contigo
porque tens preguiça de
trabalhar.



Resistência da classe trabalhadora.
Expresso Periférico, maio de 2022. Dis-
ponível em: <https://expressoperiferico.org/resistencia-da-classe-trabalhadora/>

N LUTA É
PRESENTE

eu tava indo... lá para ter informações, se formar, formação política, porque tava acontecendo um movimento de pressão muito grande e a gente tinha que saber o que rolava, né, pra poder saber se defender também se fosse o caso.

_ Eu nunca vou esquecer da sua correria lá da Diretas Já? Foi o da panela.

_ Era um símbolo pra mim, esse negócio da panela, muito importante, sabe? Aí depois...

_ Bater as panelas vazias...

_ Ainda bem que eu não tive acesso a esses negócios hoje, agora sou velha, não posso ter mais. Vocês que são mais novas, pra nós, muito importante, significa as mulheres terem uma atitude com os instrumentos que elas tinham, que eram as panelas. Então aí de repente, vem esse bando de bostas e fica usando a panela pra outras coisas. Mas foi... isso eu falo pra todo mundo. Isso da panela, eu acho uma sacanagem. Mas nossas mães foram criadas assim, porque a gente tava numa outra etapa, as nossas filhas já tinham consciência do que tava acontecendo, entendeu? A gente tava ali em volta, a gente se envolvia, elas faziam os movimentos delas, imitavam os pais, ficavam de bandeirinha, de estrelinha do PT, essas coisas, mas sem muita consciência assim, né? Mas elas ouviram a gente, então elas já foram brigar com os primos pelo espaço delas...

_ Mas pelo menos, nossos meninos respeitam suas mulheres, isso já é um avanço. Respeitam a mulher... Porque se não, tem que respeitar mesmo. "Na casa de fulano, é fulana que manda". Tá certo. E ela que tem que mandar! Ela que faz todo o geren-



A desigualdade de gênero no mercado de trabalho está dada. Mulheres tem menos oportunidades de promoções, recebem salários mais baixos, tem menos opções de escolhas quanto aos tipos de vaga de emprego, são expostas a períodos de desemprego mais prolongados, quando optam pela maternidade, ficando mais expostas ao emprego informal, como forma de geração de renda.

Fazendo o cruzamento com dados do IBGE, podemos constatar que mesmo com maior nível de escolarização, as mulheres permanecem em desvantagem com relação aos salários ofertados aos homens...

Resistência da classe trabalhadora. Expresso Periférico, maio de 2022. Disponível em: <https://expressoperiferico.org/resistencia-da-classe-trabalhadora/>



ciamento da casa, disso e daquilo, porque que ele chega e tem que mandar? É ela que tem que mandar! Não é porque é meu filho que tem que mandar, sabe? Falo do meu filho que eu sou a favor da minha nora, sabe? Porque é assim que tem que ser. Porque eu falo mesmo. Meu filho seria um grande bosta se não fosse minha nora, gente! Então a gente tem que dar... e por aí que a gente explica as coisas. E é isso.

Todos os dias nós pensamos em números, estatísticas, dados diversos sobre o tema. Na televisão eles falam de maneira tão comum sobre essa violência que parece até que devemos nos acostumar, nos calar diante de algo tão natural. “Uma mulher é morta a cada nove horas durante a pandemia no Brasil”. Segundo os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 90% dos casos o assassino foi o marido ou o ex-companheiro.



Como encarar isso como algo normal? Quem são essas mulheres que estão sendo apagadas da história com tanta frequência? O que elas deixam para trás?

São mulheres como eu, como você, como cada uma de nós. São trabalhadoras, aposentadas, estudantes, desempregadas. São filhas, mães, avós, amigas. Algumas vieram do Nordeste, outras do Sul ou do Norte, com a pele clara ou pele negra. Umhas gordas, outras magras. São brasileiras ou estrangeiras. Algumas dessas mulheres gostavam de cantar, dançar e poetizar. Entre elas têm algumas que são bem letradas e outras semialfabetizadas, mas não importa. A violência vem com força e as arranca de seus espaços de vida...

Nosso lugar de fala. Expresso Periférico, março de 2021. Disponível em: <https://expressoperiferico.org/nosso-lugar-de-fala>

_ Ai... meu marido também não sabia que eu fazia parte do movimento, meu marido tava tocando por aí pelos bares da vida. Já fiz piquete, já fiz xixi na calça no metrô, a gente telefonava e falava: “nós vamos ficar no piquete do Banco do Brasil”, pra avisar a família pelo menos. E São Bento tava fechado de cachorro da polícia, lembra que só andava com aqueles cachorros, aquelas polícias, meninas, nós fomos cercadas nesse dia. Adivinha? A gente ficou fechada lá, eu fiz xixi ali na hora. Mijei nas calças. Não sei se foi um cabo que entrou na roda e falou “volta, volta todo mundo, volta pro metrô” e levou a gente pro Colégio São Bento, que tinha apoio da Assembleia, aí depois entraram e prenderam todos os dirigentes e nós, enfiaram tudo dentro dos metrôs.. Aff, mas eu cheguei tão apavorada, mas mesmo assim fui em outra, nossa, vou te contar.

Depois foi passando, a gente foi ficando mais adulta, foi fazendo outros tipos de trabalho, mas de conscientização mesmo, hoje, por exemplo, eu mais cuido lá na minha cidade do que tá acontecendo, como eu não tenho rabo preso com ninguém, porque essas cidades pequenas, cê sabe que todo mundo é parente, né? Nossa, não vou na farmácia porque é parente do outro, o outro reclama porque é dono daquele trem. O prefeito não faz nada, porque senão a família do cara... tem 14 mil habitantes. Uma coisa doida. Mas eu fico lá, eu sou do conselho do idoso, então tá fazendo merda, eu vou lá e filmo, sou a bocuda da turma, né? Sou a do meio, é horrível ser da turma do meio, as pessoas que tem mais conscientização, que faz parte, tem umas que são dez anos mais velha que eu, e não tô no pique delas de ficar em casa vendo Silvio Santos, vendo TV, e as dez abaixo, que são as meninas de 45-50, eu não aguento elas.

_ Deixa eu te falar. Por isso que eu acho, a gente nessa época, a gente estava juntas. A época coincide muito, é muita coisin-

cidência, mas nós éramos tão porcariazinhas, quase crianças, que a gente não tinha muita importância, eu acho também. A gente não tinha essa importância que hoje a gente vê que tinha, que éramos importantes, mas não tínhamos. Até porque, na época, quem frequentava a igreja, nossa, o nosso grupo foi... maconheira é uma palavra leve pra falar. Você falou uma palavra aí, de quando o cara chegava...

_ Vagabunda

_ Nossa, essa aí também. Vagabundas... a gente tava fazendo um trabalho super legal, mas quem tava por fora, achava que a gente...

A ditadura, a repressão e a violência não pouparam as mulheres.

**Quantas mulheres
passaram bilhetes
de socorro por baixo
da porta enquanto
você estava lendo?**

MACHISMO
MUITO FORTE

F




Trabalhadoras domésticas e a domesticação do trabalho. Expresso Periférico, maio de 2021. Disponível em: <https://expressoperiferico.org/trabalhadoras-domesticas-e-a-domesticacao-do-trabalho/>

_ Eu só queria dizer o seguinte, que a minha história é um pouco diferente. Não é tão de bairro, bairrista, como a sua, que é uma história interessante, claro, mas eu digo assim. Eu morei até os 18 anos no interior, né? Me formei lá professora, lá é assim, eu nasci em 1948 e a cidade era uma cidade pequena e nessa cidade pequena, quem é que ia ser professora? Era a filha do prefeito, ou alguma aventureira que se dispunha a entrar nesse meio aí. E era normal... foi o meu caso. E aí terminar, vim aqui pra São Paulo. Mas essa minha história no interior, era uma cidade onde tinham muitas misérias, e eu não sei, às vezes a gente tem uma sensibilidade para captar as coisas, você nem percebe, mas você começa a observar aquilo. Uma das observações que eu fazia, por exemplo, as mulheres tinham um monte de filhos, de repente o homem ia embora, e largava todo mundo. Eu pensava: " gente, como que pode? E agora, né?". E você via o que era miséria naquela casa, com as crianças, tudo com fome, não tinha quem ajudasse. E não acontecia nada com esse homem, ele simplesmente ia embora. Mulher lá era morta porque machucou "a honra do marido". O que acontece? Ela estava morta assim, e acontece alguma coisa com o homem? Não! Por causa da honra. Tá lá na lei, entendeu? A mulher não pode, não pode manchar a honra do marido. Na minha casa, as coisas também não eram diferentes, não eram muito diferentes. Eu tinha um pai alcoólatra, chegava em casa e batia na minha mãe, isso era normal. Era normal, os homens bater nas mulheres...


_ Colocar nossa história na roda nem sempre é tarefa fácil. Remexer algumas lembranças dolorosas e que ainda sangram é um abrir e fechar do coração. O desconforto dessas memórias é imenso e confesso que bloqueei por alguns dias minha fala para esse registro, a intensidade da emoção me tirou de

um lugar que eu já pensava superado. Não consegui partilhar. Mas tive que me encorajar e, mais uma vez, a força uterina falou em um pequena nota fragmentada, que ora segue, os traumas que a Ditadura causa em nossas vidas. Uma cura que talvez não chegue nunca. Eu tinha apenas 12 anos, estava eu e dois irmãos (7 e 4 anos) em casa, quando fui abordada por dois homens que bateram palma no portão, se identificaram como policiais, para entregar uma intimação para minha mãe em razão dela ter presenciado um acidente de trânsito. O acidente de trânsito não aconteceu e a intimação era da polícia militar do comando sul. Meu estômago diminuiu, minha barriga doeu, meu coração amedrontado entendeu exatamente o que e quem bateu em nossa porta. Minha mãe, ativista dos movimentos sociais, clube de mães, saúde, creche e educação, teve uma fala gravada em uma reunião por um olheiro. Com histórico de uma casa que era ocupada por Movimento de Alfabetização de adultos, formação de mulheres costureiras, organização de movimentos por creche, começava aí, de forma mais engajada minha luta. Sim, rapidamente deixei as fantasias de criança, corpo franzino, olhos grandes, pele negra, pobre e pleiteando uma vaga no curso noturno para não interromper os estudos, ingressei no mercado de trabalho e entendi que a luta era de classe.

Minha mãe foi humilhada, ameaçada, amedrontada, xingada e coagida a entregar os nomes dos lutadores do bairro e abandonar todas as ações das quais era participante. Vivemos anos de muito medo, porque diziam que ela perderia os filhos e seria mandada para fora do país. Apesar de ter retomado a luta, hoje, nega esse período da vida e não quer falar sobre suas experiências. Diz que sua atuação era de missionária na igreja. Fui operária de fábrica e encontrei minha militância, muito jovem, na cultura, escrevendo textos, debatendo com



Segundo uma pesquisa de opinião em parceria com o Data Senado e o Observatório da Mulher contra a Violência de 2021, “(86%) percebe um aumento na violência cometida contra pessoas do sexo feminino durante o último ano”, e continua: “Para 71% das entrevistadas, o Brasil é um país muito machista. Segundo a pesquisa, 68% das brasileiras conhecem uma ou mais mulheres vítimas de violência doméstica ou familiar, enquanto 27% declaram já ter sofrido algum tipo de agressão por um homem. De acordo com a pesquisa, 18% das mulheres agredidas por homens convivem com o agressor. Para 75% das entrevistadas, o medo leva a mulher a não denunciar. O estudo demonstra, no entanto, que 100% das vítimas agredidas por namorados e 79% das agredidas por maridos terminaram a relação.”



Michele Bolsonaro e o desserviço às mulheres brasileiras. Expresso Periférico, Setembro de 2022. Disponível em: <https://expressoperiferico.org/michele-bolsonaro-e-o-desservico-as-mulheres-brasileiras/>

nossos jovens, ajudando nas ações de formações e nos acolhendo nos movimentos de moradia digna, transporte e lutas por aparelhos públicos para atender nossa população.

Nosso território foi agraciado com a chegada dos padres espanhóis e freiras, religiosos de vanguarda que fizeram da nossa igreja local para disseminar a palavra justiça e direitos. Transformou e colocou à disposição da comunidade o espaço da igreja com salas de aula para alfabetização, formação técnica, projeto de acolhimento de meninas e meninos com fornecimento de alimentação e conhecimento, organização das lutas operárias, das inquietudes da nossa juventude, médico ginecologista para atendimento às mulheres, etc. Aliás, um desses padres acompanhou minha mãe no depoimento na polícia, conseguiu advogado e não deixou ela desassistida. A juventude oriunda das escolas públicas, dos bailinhos de garagem, se organizaram na igreja numa frente progressista com olhares para as dificuldades do seu bairro. Este grupo de jovens fizeram história e o Altar foi palco de apresentação das mazelas do povo.

A partir dessas e outras experiências repressivas (abordagens policiais eram rotinas na Avenida Cupecê) nos armamos de estratégias para nos proteger e continuar nossa militância. Como escapar das balas perdidas, do chicote da polícia que atingia nossos jovens? Um extermínio dos nossos meninos que levou um Frei, José Rezende a promover frentes de acolhidas para as famílias e para os jovens. Com o tempo essa ação foi retirada da igreja e de forma corajosa Rezende enfrenta todas as dificuldades e não abandona seu rebanho. Hoje temos alguns embriões no território dessa resistência, o Centro Frei Tito, o MOVA, o CEU, as Creches, movimento de moradia, saúde e educação.

As mulheres nesse imenso território chamado Jardim Miriam, Cidade Ademar, Pedreira e todos os bairros do entorno, são protagonistas dos fronts de resistência há várias décadas

e fazem daqui um pequeno país, com todas as suas histórias, dores, conquistas e infelizmente o sofrimento das suas trabalhadoras e trabalhadores.

No meio desse turbilhão de necessidades, encontramos na diversidade todas as possibilidades de resistir. Fizemos teatro de resistência, encontramos a poesia, a música, a cumplicidade e a coragem dos mais velhos que acolheram todas as ousadias, utopias e desafios postos pelos mais jovens. Paramos a Avenida Cupecê para exigir a instalação de postos de saúde, escolas com segundo grau, creches em período integral. Juntamos nossa luta a outras lutas e organizamos um grande núcleo do movimento da carestia, procuramos no chão da Praça da Sé um espaço para acomodar nossos pés. Enfrentamos as panelas vazias, mas mantemos as mentes cheias de idéias e, ainda estamos aqui com mãos, braços e pés fortes o suficiente para continuar a caminhada. Éramos todos pobres, todos pretos ou quase pretos e, hoje, continuamos pobres, quase todos pretos, sem empregos, sem acesso aos equipamentos públicos, excluídos e retirados do mundo das possibilidades. O racismo, o feminismo, a igualdade de gênero, foram pautas incorporadas às lutas por justiça social e mundo bom para todes. Não existirá sociedade justa e boa para todes se não enfrentarmos a violência das práticas racistas, machistas e de gênero.

Hoje encontro na Coletiva de Mulheres, minhas pares, minhas irmãs, minhas referências e cúmplices desse sonho utópico de vida plena para nós. Nossa resistência é a nossa existência.



POR ONDE ECOAM NOSSAS VOZES

_ Posso começar?


_ Boa noite, boa noite a todas e todos. Já conheço muitos de vocês que estão aqui. Agradeço o convite do grupo de mulheres, aceitei esse convite e a princípio eu perguntei se era um convite formal. Ela falou: “Não, nós vamos estar entre companheiras lá”. Então, e aí me dispus a conversar com vocês. Vocês já estiveram no nosso território e também já estiveram falando com o MOVA. E aí vocês todas e todos estão convidados e convidadas a estar lá conosco. Eu sou coordenadora pedagógica aposentada da rede municipal de São Paulo, tenho 34 anos na educação, acho que até mais um pouquinho, né, porque eu me aposentei com 34 anos na educação e já estou há quatro anos no Mova. Então eu tenho praticamente 39 anos de educação. Eu entrei muito jovem como professora na rede municipal de ensino e depois no Estado e depois na coordenadoria. Enfim, eu fiz minha carreira na educação de

São Paulo. E aí me desafiei em 2017, né, com o advento da minha aposentadoria, à convite de companheiros, eu tinha até um compromisso, cancelei e vim para participar com vocês. E o MOVA, o que seria? Me pediram para falar um pouquinho da militância e da minha militância, eu gosto de me apresentar como militante da educação e da educação popular e, em especial, eu acho que não sei se todos e todas sabem o que é o Mova, que é o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos. Então nós tivemos a princípio o Mova Brasil, né, que era, que começou com o Mobral, que não era Mova, não era movimento.

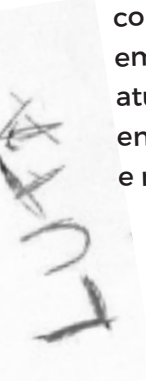
A ideia de movimento veio com Paulo Freire na gestão, na primeira gestão do PT na cidade de São Paulo, na pessoa da Luiza Erundina. E aí nós tivemos o privilégio de ter o Paulo Freire como nosso secretário. E o Paulo Freire idealizou este movimento, né, porque ele já tinha experiência de alfabetização no Rio Grande do Norte e no estado de Pernambuco, e com a educação e com a alfabetização de jovens e adultos. E o Paulo Freire idealizou o Mova e quando foi dia 29 de outubro de 1989, nós tínhamos assumido o governo, falo nós, porque nós todos somos de esquerda, quando alguém assume o governo, a gente diz nós, não é um governo de um só, é um governo popular. E aí nós assumimos o governo e o Paulo Freire, o Mova já estava, já tinha um movimento de alfabetização aqui na região, principalmente aqui na região da Cidade Ademar e Pedreira. Era um movimento bem forte. Com a chegada de Paulo Freire à Secretaria, ele resolveu comprar essa briga e assumiu a Educação de Jovens e Adultos e assumiu o MOVA. Nós temos o MOVA na cidade de São Paulo, nós temos 542 salas por enquanto. Houve um fechamento, porque todas as vezes que nós estamos no governo progressista tem um boom de aumento de número de educandos e educandas que nos procuram para se matricular. Entre os governos que estão aí, eles têm

uma pressão muito grande para se fechar as salas, né? E por quê isso? Porque, se você pensar em termo de investimento da cidade de São Paulo, é muito pequeno o investimento. Mas aí a gente pensa e faz uma reflexão: a quem interessa o MOVA, né? Porque o Mova atende exatamente aquela população que não teve acesso à escola pública, não teve acesso em idade escolar. Das salas do território, 80% da população são negros, são pretos. Olha, e desses 80%, 90% são mulheres negras. E isso eu estou falando de uma amostragem território...


Então, a quem interessa fechar as salas do MOVA, né? Nos governos de direita, a gente tem uma pressão muito grande, uma pressão assim... É o que nós estamos passando agora. É uma pressão grande para fechar a sala, porque a quem interessa conscientizar essa população que está nos extremos da cidade? Aí você fala: "Mas não tem EJA, né, não tem as escolas de educação de jovens e adultos na região?". Nós temos, mas a especificidade que é o MOVA é completamente diferente. O acolhimento que o MOVA proporciona é muito diferente de outras escola... Nós temos um grande número de pessoas idosas e também adultos e adultas que vêm, que saem das escolas fundamentais e procuram o MOVA. E por que procura o Mova? Porque no MOVA, a gente não tem uma linearidade de currículo, não tem aquela coisa que você abre, você dá português, matemática. Você trabalha com... Na verdade, a gente envolve muito mais a afetividade e o acolhimento do que estar preocupado que "aí se ele aprendeu a fração", né? Então isso se dá muito nas salas do MOVA, e eu estou dando o exemplo do território, mas isso não funciona em todos os lugares, ali na região da Americanópolis, nós temos salas em que tem um esvaziamento. Não é disputa, nós temos uma evasão muito grande que vem da EMEFs pro Mova, E por quê? Porque, na verdade, lá eles encontram, é como se ele encontrasse: "Aqui



A invisibilidade das mulheres negras aqui está centrada nos recentes estudos do Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil, de 2019, por exemplo, que reconhecem as especificidades e as desvantagens acumulativas em diversos campos de acesso à cidadania. Para elas, os sistemas de educação, mercado de trabalho, economia do cuidado, pobreza e desigualdade de renda, vitimização e acesso à justiça, sempre estiveram colapsados e isso não é uma novidade com o estado pandêmico em que estamos vivendo atualmente. É possível enxergarmos a precariedade e negligenciamento das suas



experiências ao olharmos a composição das periferias, favelas, comunidades, aldeias, quilombos, moradias precárias e insalubres Na ausência de saneamento básico, nas experiências diárias das pessoas desempregadas ou subempregadas, ou com vínculos empregatícios frágeis e vítimas da terceirização e precarização do trabalho (como as milhares de crianças negras/indígenas que sobrevivem vendendo balas em sinais de trânsito, mulheres com bacias de frutas nas calçadas das praças dos grandes centros urbanos), dentre tantas outras formas de subjugação e desumanização sistemática dos povos condenados da terra e que revela a abolição inacabada.



É mulher, mas é negra! Expresso Periférico, junho de 2021.

Disponível em: <https://expressoperiferico.org/e-mulher-mas-e-negra/>

eu encontro meu lugar”, né? Minha mãe diria que eu encontro meu texto, né, a panela e o texto daqueles que encontram. Então é por isso que tem às vezes uma grande, tem um número muito grande de salas na mesma região que tem EMEF e aí por isso essa discussão e essa pressão. Eu não diria que a discussão -- que não é a discussão, quando você chama para conversar, né, isso é discussão -- mas essa pressão do poder público de fechar as salas do MOVA, porque o que acontece? As EMEF's, as EJA's das EMEF's estão fechando. E aí você chega no Mova, onde que tava? Tava todo mundo no MOVA. Então, assim, você conhece as pessoas, não sei se mais alguém aqui conhece o MOVA, você conhece as pessoas por nome, eles têm os nossos telefones, eles conversam conosco o tempo todo... Então, estreitam-se os laços e eu estou falando eu, mas do mesmo jeito são os educadores e as educadoras.

Com o advento aí da pandemia, o que nós fizemos foi contrariando a orientação da secretaria, nós nos movimentamos e a gente até muitos de vocês colaboraram, nós resolvemos assistir aquelas pessoas que estavam sem remuneração nenhuma. Aí você até fala: mas é escola, não é? Eu ouvi isso de uma pessoa que disse assim que não é função da escola distribuir alimento. Mas, veja, se eu estou morrendo de fome, tudo o que vocês me falaram, eu não vou ouvir nada. Então passava por nós e foi uma discussão muito grande. E aí a gente... Esse dia mesmo eu falei, o que é uma escola? O que é uma instituição em que você tem homens e mulheres, como eu disse para vocês no início da conversa, que nós temos 80% de mulheres e que são muitas vezes, nós sabemos como que é, muitas vezes elas que pagam as contas em casa, elas são arrimo de família, elas que cuidam dos filhos. A gente via quando a gente distribuía a cesta básica, que eram as mulheres que iam buscar. Então, assim, e essa é a diferença do MOVA para uma

EMEF, quando você... Muito, muitos dos nossos educandos, especialmente os mais jovens... Mas assim, aí eles... você leva e como o primeiro tratamento que você chega lá, você não conseguiu chegar no horário às 19h30, que é fechada a porta, eles descem, já vem: "Não, aquela escola eu não quero", porque ele sai de um espaço em que você sabe quem é, quem é quem, quem são essas pessoas, quantos filhos eles têm, que necessidade que eles têm. Então esta família agora precisa de assistência. Essa outra família não precisa, não precisa... e isso, eles percebem.

Então não é que nós negamos o conhecimento, que não se trabalha a alfabetização... Muitos dos nossos educandos e educandas, eles tem muita gente... Então assim, a eles foram negados os direitos, que eu penso que a leitura e a escrita é um direito. E a eles em algum momento da vida foi negado. E agora eles têm essa oportunidade de estar num ambiente educacional, um ambiente legítimo, porque é agora, desde a gestão do Paulo Freire, e é legítimo que eles participem, que eles tenham esse espaço. Então para quê o MOVA? Que atende a Dona Fulana, que tem 83 anos, que mora na Cidade Júlia e que vem estudar, que vem conosco aprender a escrever o nome conosco. Ela fala assim que a maior alegria da vida dela foi ela poder assinar o nome, chegar no banco e dizer assim "troca todos que agora eu não uso mais o dedo". E aí a gente fica se perguntando: quantas Fulanas na cidade de São Paulo passa pela região, né, nós... Eu tô dando o exemplo da dona Fulana porque ela tem 83 anos e ela aprendeu a escrever agora. E ela fez questão de trocar todos os documentos dela e disse que chegava no cartório, chegou no Cartório Eleitoral ali do Jabaquara e as pessoas estavam se negando. "Não, a senhora põe o dedo, a senhora nem precisa mais votar". Ela falou: "Não, agora eu sou alfabetizada, eu não quero mais meu dedo".

Assim como o resto do mundo, o Brasil vem passando por um momento único na história, cheio de desafios em decorrência de uma pandemia que parece não ter fim. As ações de combate e enfrentamento são diversas entre as diferentes nações, todavia é visível que os governos que investiram em pesquisas, vacina, informações verdadeiras sobre os fatos e em políticas públicas estão passando por esse processo com um número menor de casos de infecção, de mortes e miséria.



A doença que não se vê.
Expresso Periférico, fevereiro
de 2022. Disponível em: [https://
expressoperiferico.org/a-doenca-que-nao-se-ve/](https://expressoperiferico.org/a-doenca-que-nao-se-ve/)



Então isso é questão de cidadania, né, então, às vezes, para esses, essas pessoas que estão no poder, esse povo aí de direita, que está por aí, a quem interessa essa Fulana da vida estar alfabetizada e consciente do seu direito, que é meu direito trocar o documento. Eu não quero mais colocar o dedo. Eu quero assinar porque eu sei assinar. Aí ela ainda verbalizou que a maior alegria dela foi quando ela não precisou mais de ninguém para ir no caixa eletrônico para ir no banco retirar o dinheiro dela: “eu não preciso mais do meu neto, da minha filha, do meu genro. Eu vou sozinha e eu sei colocar a minha senha”. Aí ela até brinca: “Eu não sou boba, eu coloco só quatro letrinhas que eu sei, que são iniciais dos meus netos”. Então isso é o MOVA.

Então, falar do MOVA, eu sempre falo em qualquer lugar quando me chamam, é falar do MOVA, sem aquela coisa acadêmica, academicista, né? O MOVA é o acolhimento, é você reconhecer os direitos dessa população que foi negada. As salas do Mova são geralmente em comunidade, associação de moradores de bairro, nas paróquias como as nossas no Jardim Miriam. E muitas vezes a gente está na paróquia, está nessa associação dos moradores de bairro, então assim... Então está no extremo da cidade, é isso que as salas do MOVA atendem e com essa concepção, a concepção do acolhimento, de reconhecer os direitos dessa população que foram negados a eles em algum momento. Então, acho que por enquanto eu fico por aqui na espera. E aí ficou aí aberta a perguntas, se vocês tiverem.


Diante de tudo o que está posto, o que nos traz certo acalanto à alma é saber que ainda temos muitas pessoas e coletivos que se opõem a essa estrutura de destruição do Brasil e do povo brasileiro, acreditando e lutando todos os dias para que possamos construir um Brasil justo, igualitário, verdadeiramente democrático e feminista.




Pobreza menstrual é um problema social e de saúde pública. Expresso Periférico, outubro de 2021. Disponível em: <https://expressoperiferico.org/pobreza-menstrual-e-um-problema-social-e-de-saude-publica/>

_ Muito obrigada, maravilhoso como sempre escutar, ter tua paixão pelo que você faz e compartilhar conosco é muito bom. E eu acho que pessoalmente eu fico com isso, não é? Quanto dessas mulheres, em sua capacidade de resiliência, e através de vocês e esse conjunto coletivo de mulheres poderosas que se juntam na aprendizagem contínua, que seguramente vocês, como educadoras, têm, e elas também dentro da sala de aula.

_ Eu não sei se eu te aviso, acho que algumas perguntas... Eu não tinha visto vocês, mas, novamente, boa noite, me sinto honrada de estarmos juntas aí com pessoas tão queridas e maravilhosas. Os tempos são difíceis, mas a gente tem que resistir e tem que estar continuando, lutando aí... Eu vou começar... eu vou falar um pouquinho aí, né, vocês tinha me falado, né, me passado algumas coisas do que seria, eu acho que a gente vai conversando... Eu fiz parte dessa construção aí da educação. Me sinto parte de todo e de todos os movimentos aí que eu participei. Eu fui pro Jardim Miriam, estava começando um loteamento, meu pai comprou um terreno, eu nasci no Jabaquara, e com dois anos de idade eu fui para o Jardim Miriam. Então eu vi todo o processo de crescimento e junto disso, o crescimento desordenado, sem nenhuma política... E da escassez que foi todo esse processo aí de falta de transporte, de saúde, de educação e isso tudo eu acho que desde pequena e sentindo essa necessidade eu fui me envolvendo e participando, né, eu ficava muito indignada com algumas coisas que via... E inquieta... E comecei a participar das coisas. Não tinha nada e a única forma de você sair de casa e se sentir pertencente era participar da igreja. Então eu comecei desde a fundação da primeira igreja, lá no Zêro, lá em cima, lá na cidade Júlia, Jardim Luz, ali na divisa. E muito cedo, acabei já me envolvendo, dava aula de catequese e depois com 15 anos eu já comecei a dar aula de



A violência simbólica é difícil de ser identificada, de ser reconhecida para normalizarmos, naturalizamos. Quando traçamos um perfil, seja ele racial, econômico, de gênero, territorial e afins, e classificamos quem deve ter acesso a direitos, a educação, a oportunidades, quem são os grupos detentores do saber, excluimos todos os outros. E, analisando minha vida acadêmica, foi isso que me ocorreu por diversas vezes, quando determinaram que não teria chances, por exemplo, de ter um salário digno tão cedo, quando determinaram quem teria fácil acesso à informação de políticas públicas para o Ensino Superior, quem teria condição de receber um financiamento estudantil, quem seriam os intelectuais considerados clássicos e fundamentais a serem estudados na academia e por aí vai. Tiramos o direito dos negros, dos pobres, dos periféricos, das mulheres, das mães solo de terem voz política, de serem produtoras e produtores de conhecimento, de se qualificarem para terem oportunidade justa de disputa.



Mulher, preta, periférica e o direito de estudar. Expresso Periférico, janeiro de 2022. Disponível em: <https://expressoperiferico.org/mulher-preta-periferica-e-o-direito-de-estudar/>


educação, ainda de alfabetização, eu e mais dois médicos e mais uma menina... A gente dava aula aí na praça, num espaço alugado, voluntariamente. Mas os alunos faziam uma contribuição para pagar o aluguel. E depois, com a vinda de uns padres mais progressistas pra região, a gente conseguiu levar esse curso, considerando já dentro das Comunidades Eclesiais de Base, a alfabetização. E foi um processo muito rico, né, porque era um movimento que acontecia no Jardim Miriam, mas não acontecia só na Cidade Ademar, aconteceu no Grajaú, acontecia na Zona Leste. Era uma coisa que foi pipocando, então a gente fez parte aí. Então a gente teve curso de alfabetização, que também no Jardim Miriam, aí na paróquia, a gente teve cursos profissionalizantes, Madureza, naquela época, não era um curso, mas era um envolvimento, um envolvimento político, a gente vivia em plena ditadura civil-militar. Na nossa região, a gente teve a oportunidade de acolher muitas das pessoas que tinham sido, estavam sendo perseguidas pela ditadura militar, né, então acolhemos, demos guarda e estivemos juntos nesse processo e essas pessoas, algumas delas, participaram conosco na construção desse projeto. Então era uma forma de estar junto, de estar estudando, de estar se organizando e sendo que você estava junto, se conscientizando na verdade, e o processo era coletivo.

Quando você estudava Paulo Freire e preparava uma aula, discutia com os alunos, os alunos traziam... Não era fazer para, era fazer com. Então foi um processo muito rico e de muita aprendizagem, né, de unidade, de crescimento, de formação. E foi um processo que era um processo que estava junto, atendendo e com a população mais pobre e periférica, mas ao mesmo tempo é um processo que envolvia outras pessoas que você saía ali para estar... Na época, depois, né, a gente teve aí depois 75, que era o Ano Internacional das Mulheres, um


enfoque muito grande de começar a discutir a questão das políticas públicas, né, e junto aí entrou a questão do movimento feminista.

A gente se juntou com uma organização que funcionava ali em Santo Amaro. E elas e eles estavam junto, né, tinha... produzir slides. Então a gente discutia muito as pautas de gênero nas pautas feministas e aí começou o movimento de luta por creche dentro dessas necessidades, porque a mulher necessitava entrar no mercado de trabalho, porque a situação estava muito difícil, os preços altíssimos, a gente tinha uma inflação muito alta e a partir disso começou junto. Eu acho que tudo junto e misturado tinha uma, tinha uma coisa ali da alfabetização, mas tinha também dentro da igreja, dentro da igreja, outros movimentos, né, assim... Tinha alguns jovens e no Jardim Miriam a gente teve um movimento forte que se envolvia na construção através de festival de música, teatro e isso também tinha uma articulação maior em termos da cultura, dos festivais, de apresentar peça num outro bairro, voltar para o Jardim Miriam. E isso fortalecia as pessoas e dava unidade, porque você tava junto, estava acolhendo, estava planejando, estava trocando.

E eu acho que não só essa integração da educação como a do custo de vida, né, que tinha uma proposta que se começou aí na região Sul e depois se articula em termos de São Paulo, do movimento Custo de Vida, onde através de uma pesquisa e a proposta era fazer uma pesquisa aqui... entrevistar 1000 pessoas e a partir disso houve a tabulação dessa pesquisa... E da discussão, a gente fez uma reunião lá...hm, 70... Eu acho que 76, 78, já não lembro mais. 76! No Colégio Santa Maria, onde a gente juntou umas 5000 pessoas. E depois a gente fez em 78, já com uma proposta de fazer um lançamento de um abaixo assinado no Arquidiocesano, aqui na Vila Mariana,



A sociedade brasileira precisa dar uma resposta diante da morte e, falando da morte e da dor, também buscamos respostas para a vida e a luta. Mortes ocasionadas por um vírus que já tem vacina e que em grande parte poderiam ter sido evitadas. Mortes que tem endereço, gênero, raça e classe, pois atingiram com violência trabalhadoras e trabalhadores moradores e moradores de nossas periferias e em sua maioria mulheres negras, com trabalhos mais precários e menos remunerados. Não à toa, a primeira morte registrada por COVID-19, no Rio de Janeiro, foi da empregada doméstica Cleonice Gonçalves, de 63 anos, nem que todos os dias, famílias inteiras passam a ter a rua como sua casa e, também, não é à toa que os povos indígenas e originários têm sofrido e morrido tanto...



Ação das velas – Memória, Luto e Luta. Expresso Periférico, outubro de 2021.
Disponível em: <https://expressoperiferico.org/acao-das-velas-memoria-luto-e-luta/>

né, um outro colégio, e depois a gente fez o lançamento disso na Praça da Sé. Que houve uma repressão, houve um ato de mais de 20... Por volta de umas 20.000 pessoas e a polícia foi com bomba, com cavalaria em cima das pessoas, fechou as ruas, a gente ficou acuado lá nesse processo todo, e as pessoas, muitas tentavam se refugiar dentro da Igreja da Sé.

E depois teve a entrega ao governo Geisel. Em plena ditadura, tentaram entregar em Brasília e ele colocou um esquema de segurança tão grande, não recebeu as pessoas e todo esse processo... Mas esse processo foi fortalecendo as pessoas e ao mesmo tempo foi minando um pouco a questão da ditadura, denunciando e dando visibilidade do que estava acontecendo, porque era aquele... Aquele eufemismo do “ame o Brasil”, “o Brasil acima de todos”, que não é muito diferente do que está... Quer dizer, as coisas você esconde, põe uma fumaça pela frente para esconder todas as atrocidades, todas as torturas, os assassinatos que estavam acontecendo, né?

**...com homens se achando
no direito de nos violentar,
porque aprenderam,
nessa estrutura machista,
que o corpo da mulher é
uma mercadoria para ser
consumida quando e como
desejar.**



Pesquisas recentes comprovam o abismo social em que vivemos. Dados do Dieese – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, de abril de 2021, indicaram aumento no preço da cesta básica em 16 capitais brasileiras em relação a março deste ano e em São Paulo, cidade com maior aumento, o custo ficou em R\$ 556,25, com alta de 7,28%. A Rede Penssan – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional – nos traz o dado de que a fome atingiu 19 milhões de brasileiros na pandemia em 2020 e que eles estão entre as 116,8 milhões de pessoas que conviveram com algum grau de insegurança alimentar

no Brasil nos últimos meses do ano, o que corresponde a 55,2% dos domicílios brasileiros, ou seja, mais da metade dos lares no Brasil. Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a taxa de desemprego apurada hoje é de 14,1%, com um total de 14,4 milhões de desempregadas (os) e de 5,6 milhões de “desalentadas (os)”, ou seja, pessoas que desistiram de procurar emprego porque não tem esperanças de encontrar.

Neste cenário assustador e desconcertante, atos como o das velas acesas são Atos Políticos de Memória e Resistência, onde é preciso defender as palavras de ordem “vacina no braço, comida no prato e fora, Bolsonaro!”

E isso... esse espaço, era um espaço de estar junto. Eu não sei se eu tinha comentado... Paralelamente, que o que fortaleceu foi que tinha os clubes de mães, que as mulheres, naquela época também, se reuniam, ou para bordar ou para fazer trabalhos manuais ou corte-costuras, mas a partir disso, que era um espaço de acolhimento, elas discutiam seus problemas. Eu fui algumas vezes lá, a convite desses grupos, para fazer alguns debates sobre educação das crianças, dos filhos, dar algum apoio. E era um espaço muito interessante, porque quando você precisava chamá-la, chamar para "Ah, vamos lá na Secretaria do Bem-Estar Social", levar um abaixo assinado, reivindicar as creches, não sei o que... Essas, essas mulheres guerreiras aí se somavam e iam com a gente. Então a gente organizava tudo. Era um trabalho muito de fazer, com mimeógrafo, com mimeógrafo, primeiro a álcool que a gente tinha, a gente só tinha na Domitila, o mimeógrafo, a tinta que a gente achava uma maravilha quando precisava dos boletins, porque lá rodava mais rápido e saía de uma qualidade melhor. Mas era de fazer festa, de fazer pedágio, e paralelamente, começou o movimento, né, as primeiras greves de 78. E aí eu já também já tinha me formado, já comecei a dar aulas e a entrar no processo de educação e o Jardim Miriam foi um lugar de muita resistência, de muito apoio. O primeiro comando de greve dos professores do Estado, a gente montou esse comando de greve no Jardim Miriam.

**A guerra estava
presente em todos
os cantos da vida
das pessoas.**

Nossos corpos contraem a paz.
Expresso Periférico, agosto de
2022. Disponível em: [https://
expressoperiferico.org/nossos-
-corpos-constroem-a-paz/](https://expressoperiferico.org/nossos-corpos-constroem-a-paz/)

Então também a repressão corria solta, né... Você estava passando abaixo assinado, você era chamada e o policial ia lá te amedrontar... Nos comandos de greve, você ia pra escola, a diretora chamava a Polícia Militar e todas essas coisas eram momentos muito difíceis, mas a gente conseguiu grandes conquistas em termos da região, né? Grandes conquistas em termos de transporte, educação, creches, né, mais de dez creches. Mas a gente conseguiu por um tempo com a questão do movimento e além disso, eu acho que ficou ainda hoje, quando você percebe um grupo que continua resistindo e se envolvendo com a questão do território, né, de estar firme na resistência e na luta.

Eu acho que hoje a gente está vivendo outros momentos muito difíceis e a gente percebe que muitas coisas a gente não tem mais esse espaço de discussão. Os jovens, por exemplo, que estão hoje, que nasceram, sei lá, 2000, e que estão com 20 anos, 20 e poucos, eles não sabem disso, né, e negam até um processo de que eles foram morar ou nasceram ou vieram morar aí na região, mas já tem transporte, já tem escola, já tem uma série de coisas e a gente não conseguiu contar essa história e valorizar, e muitas vezes esses jovens estão sendo cooptados aí pelas igrejas, dentro de um outro padrão de meritocracia, de achar que as coisas são para o individual, para o bem estar individual e não o bem-estar coletivo. Então eu penso que os desafios que temos hoje são grandes e eu acho que conseguimos avanços, temos muito ainda que conseguir.

Em relação ao movimento de creche, eu fui essa semana que fazia 40 anos lá na creche. Antiga creche da Vila Élide, que a gente conseguiu dar o nome de Dona Palmira. E você percebe e fala: "Nossa, que processo e tanto", porque é só dentro de lá que tinha... Quando as creches eram ligadas à assistência, ela tinha uma visão assistencialista, era para olhar as crianças, né?

E depois todo o processo de discussão, de pressão, tudo de perceber que tem que ser um espaço educativo, acolhedor, propiciador de autonomia, de independência, de criatividade, de trabalhar com todas as linguagens... Que essa criança tem direito, não só a mãe como era antes, você discutia por renda, né? A criança que a mãe conseguia a creche muitas vezes era a miserável da miserável, né? E muitas vezes essa coisa de dentro do coletivo me chamava atenção, porque com todos os processos de quem é, quem ia ter direito aquela vaga, você discutia com a demanda, você definia isso. E era interessante porque se aparecia um homem, eu lembro de um senhor lá, que era viúvo, que tinha três filhos, a mulher sola dava a vaga, a sua vaga para esse, porque achava que o homem tinha menos condição de de cuidar daquela criança, daquele bebê, daquela coisa. Então para vocês verem, né, e para a gente sentir na pele como a questão do machismo, do patriarcado é tão intrínseco, intrínseco dentro do cotidiano, dentro das pequenas coisas, se é que isso são coisas que a gente tem que desconstruir, né, tem que desconstruir tantas coisas, tantos. E trabalhar com isso. Há esse trabalho de formação, de organização. Não é fácil.

Também nos orçamentos participativos, a gente reunia, né, a população. Conseguimos fazer aí reuniões com mais de 500 pessoas pra levantar as necessidades da região. E é isso aí, é tudo: posto, o posto de saúde, as UBS, a questão do lazer, a questão da cultura e o CEU foi uma das indicações. Só que isso depois era peneirado e ia... E eu sei que foi uma batalha muito grande a conquista desse CEU Caminho do Mar. Primeiramente porque quando chegou lá, lá em cima, que os engenheiros vieram, eles começaram a colocar um monte de problema em relação ao terreno, porque o terreno eles falavam que o terreno era impossível ou impossível de construir, porque tinha muitos restos de material, que foi do metrô, que era inviável, que não

dava e a gente tinha ido muito antes discutir, fazer reuniões com a comunidade ali, nossa sede era Jardim Lourdes. Então foi um pique muito grande, eu tive que fazer várias justificativas, né, falando: “olha, é possível até construir pontes que liguem dentro do mar, como que não vai conseguir construir aí”, entendeu? Então assim eles colocaram 1000 dificuldades, mas finalmente a gente conseguiu, eu acho que foi um ganho, né? Na Cidade Ademar, infelizmente até hoje esse CEU não saiu, que também é uma reivindicação antiga, que é um espaço que a gente percebe quantos, hm...

Não sei se a gente já vai para o nono Encontro Literário, que também é uma conquista de saber que o que não é propriedade, a propriedade é da comunidade, não é do professor, não é do diretor... aquilo...a escola, que é um Centro Educacional Unificado, que tem a proposta de trabalhar todas as linguagens, né, e é um espaço de cultura, eu acho que pode também estar complementando como isso faz diferença ali na comunidade. Agora, a gente realmente, depois das mudanças da administração, dos cortes e dos congelamentos por 15 anos na educação, na cultura, essa lei da morte aí, né, porque eu acho que realmente se ficar congelado e as necessidades vão ampliando e você tira da saúde, da educação, tremendamente da cultura. Então, depois o enfoque também foi mudando, né, e aí foi se privatizando também um espaço da cultura dentro das unidades escolares... Dentro desses CEUs, que hoje, a proposta não é a inicial, mas eu acho que já alterou. E a gente percebe ainda que a gente tem que fazer uma luta de com quem está, de estar usando o espaço, só estar... E era um espaço que não era só pra servir as crianças que estudavam nas escolas municipais, não! Era integração. E a gente fez várias experiências aí que traziam as escolas estaduais, os espaços, os espaços que atendiam no contraturno às crianças, outros espaços de cultura que também vinham nos centros

culturais, lá no Encontro Literário, fazer apresentações de dança, de teatro, de poesia, de todas as linguagens. Então eu acho que é uma coisa, é um espaço fundamental que a gente tem que continuar lutando pra que não se acabe, não se sucateie aí e se privatize como se privatizou outros espaços, né? A gente teve a creche do Jardim Miriam, que era um marco por ser a primeira creche direta para a região. Depois muda a administração, entra Maluf. Então é isso... Que eles fazem? Com a desculpa que vão reformar, fecha, depois abre como creche indireta e hoje é uma creche conveniada, entregue a uma entidade que a gente sabe as dificuldades que tem, né, por ano, a gente... Por outro lado, também tem as barganhas que são feitas com algumas entidades, que teve e veio aí de várias, várias entidades aí que o poder consegue tutelar e não dá autonomia, aí... Que seja o objeto de emancipação do povo.

_ Olha.... Eu participei já do encontro presencial, então eu tava assim mais como ouvinte, mais participar, para dar uma força, coisa e tal, mas sei lá, assim, muita coisa para acrescentar sim é com as falas de hoje, realmente nós tivemos muitas envolvidas no campo da educação. Quando ela fala assim dos movimentos que a gente tinha, era assim nas igrejas, era porque era o único campo, assim o único local que o pessoal da esquerda poderia... assim que lutava por um Brasil melhor, um Brasil para todos. E então era assim, a gente estava sempre embaixo das asas mesmo da igreja. Quer dizer, as igrejas onde tinha padres e eram progressistas, que eles davam apoio. Quer dizer, um apoio assim, pelado também, né? Porque eles também não podiam fazer muita coisa, porque eles também eram visados e a gente estava num processo de ditadura. Então eles davam assim um espaço na cobertura e então era nas igrejas onde haviam os padres progressistas.

E então foram essas lutas e inclusive já tinha um movimento dentro das igreja, também tinha esse... a Juventude, né? Chamava acho que JOC, Juventude Operária Cristã. Que que tinha... E também eram muitos jovens então que também participavam, né? E onde também a gente... Que você conhecia, né, os jovens e é um dos processos mais de entrar assim, era primeiramente assim na forma de teatros, né, fazer... Não só de teatro, porque aí era discussão, podia fazer... Convidar as pessoas, os jovens para ir participar de teatro. E daí foi que entramos também com a alfabetização de adultos, porque também podia se trazer para as discussões, conforme relatado pela companheira, as pessoas que às vezes não se adaptavam nas escolas convencionais, elas vinham para essas escolas que a gente tinha um olhar diferenciado. E então, onde a gente sabia que tinha um padre progressista se organizava para ir abrir salas de aulas para estar fazendo um movimento nessas regiões. Era uma forma de estar fazendo... Como que se diz? Mostrando para as pessoas como é que estava o país, qual era a situação e porque se não, as pessoas também não tinham informação de nada e achava que estava tudo maravilha. Mesmo com as dificuldades da vida, eles achavam que era normal, sabe? "Deus quis assim", então, né? E a gente ia mostrar. E não era bem assim.

Bom, isso era ruim nesses trabalhos da igreja, mas como a gente trabalhava na educação, nas escolas, então a gente também trazia para as escolas os locais de trabalho da gente esse conhecimento que a gente tinha de organização, sabe? E organizava a greve nas escolas. É como a companheira mesmo falou, nós uma vez fizemos uma greve muito grande aqui na região Sul. Então a gente também participava do movimento. E aí junto com os sindicatos, a gente que também participava dos eventos das escolas, né? E é só para lembrar que nas

escolas que a gente tinha alfabetização de adultos durante o começo, que como eu relatei antes, que foi antes do Mobral, as pessoas que trabalhavam com alfabetização de adultos era assim das mais variadas profissões, não eram só professores, era assim bancário, arquitetos, advogados, então, pessoas de todas as áreas, pessoas que tinham algum interesse em fazer um trabalho de conscientização procuravam esses locais, se juntavam ao grupo para fazer esses trabalhos, tá?

Então eram essas peças que eu falei no nosso encontro presencial. Estou aqui para completar assim, a minha parceria, a minha ajuda no que que foram essas lutas feitas na região. Então era isso, qualquer coisa a mais assim, a gente vai dando uns pitacos aí, tá bom?

_ Nós já agradecemos a sua fala de sábado e de hoje. Eu queria também, eu queria não, eu quero perguntar para a companheira se ela quer trazer algumas informações desse período, desse momento histórico, que todos nós vivemos, uns ainda na primeira infância, outros mais ativista, mais na atuação, que foi o período da ditadura. Se você quer trazer aí alguma questão, você recebeu a nossa carta convite também, se você quer trazer alguma questão relacionada à posição das mulheres nesse período, como que você, que é uma mulher militante que já trouxe aqui hoje, que gosta de, né, se reafirma aí a partir da sua narrativa com essa frase, né, “sou militante”. Se você tem alguma questão para trazer aqui, para acrescentar para nós o que já anda.

_ Bom, a minha militância, eu vou falar especialmente da minha militância, eu cheguei a São Paulo em 1981, no pleno auge da ditadura, e eu tive o privilégio de ter um tio que trabalhava na Mercedes Benz e ele me levava às assembleias do



Fazendo Bonito com Loreta Façanha. Expresso Periférico, junho de 2022. Disponível em: <https://expressoperiferico.org/fazendo-bonito-com-loreta-facanha/>

...quando se tem competência técnica, comprometimento profissional e amor por uma vida plena em direitos para todas e todos, é possível transformar o ambiente de trabalho num local onde se pratica a verdadeira educação em direitos humanos.

Sindicato dos Metalúrgicos, no qual o presidente do sindicato era o Lula. E aí a minha primeira militância começou com Lula fazendo comício. E aí, depois disso, fui contagiada, fui para as escolas e conheci a mesma garra de outras companheiras. Eu participava de todos os movimentos. Eu, na verdade, eu peguei 81, né, que eu cheguei em São Paulo, 81, porque eu estava no Nordeste, a gente morava na zona rural. Eu era isolada de noticiário, então assim, essa coisa que a gente ouvia, né, nossos companheiros e companheiras sendo presos, pra gente que morava, né, eu era estudante lá até a oitava série, na zona rural, não tinha, isso pra gente não refletia. Eu vim conhecer isso quando eu cheguei em São Paulo, que meu tio falava que a gente não podia ir em determinado lugar, que tinha que tomar cuidado e que aí, quando eu me envolvi, ele me levou, e pasme vocês, meu tio, que abriu as portas para a minha militância para conhecer o Lula e tudo, ele depois se tornou uma pessoa de direita. Hoje ele já faleceu. Se estiver lá em cima, ele passa vergonha, mas pensa isso mesmo, se torna uma pessoa de centro-direita. E enfim, eu falava pra ele:

“Olha, tio, eu sou porque você me levou, né?”. E aí eu entrei em um banco muito cedo, eu fui a primeira com 16 anos e 11 meses, eu fui a primeira bancária menor de idade, porque eu tinha passado no processo seletivo, tinha ido muito bem e eu lutei até eles me contratarem. Fui atrás de tudo, Sindicato dos Bancários, revolucionei o mundo, porque eu tinha passado no processo seletivo, mas eu não tinha idade para trabalhar. E assim o banco contratou a primeira menor de idade. E aí eu tive a militância na época do Sindicato dos Bancários e aquela greve dos 100.000, os bancários, que o Gushiken coordenou, eu era... estava junto com ele. E aí, saindo dos bancários, eu fui pra educação. E não, não saí desse... Nunca mais saí da militância, onde tinha alguém lutando, eu tava sempre junto.

No MOVA, é uma coisa que é engraçado, né? Não sei se é engraçado ou se é triste, mas parece-me, que eu até já comentei isso com a companheira quando ela me dava muita carona, é uma coisa que eles sentem, refletem muito. A gente trabalha, a gente discute, mas assim elas têm a concepção, principalmente as mulheres, de gratidão, acreditem, né, como nós temos que desconstruir isso com elas. E eu lembro que alguma companheira geralmente ia todos os anos lá no MOVA fazer a discussão das mulheres... E aí elas não se sentem, não tem, não tem esse problema, até a gente estar discutindo e trazer à tona. Nós tivemos um relato depois de uma fala, de uma educanda, que ela fala assim: “Mas eu sou muito grata à minha patroa, porque ela me tratava igual à filha”. E aí, só que ela, com os seus quase 50 anos, não é alfabetizada e a filha da patroa é advogada. E para a gente desconstruir esta fala dela, né? E que foi mobilizada diante de uma fala das companheiras e depois a gente deu continuidade. Então assim, é como se eles não sentissem a dificuldade e não enxergassem se a gente não mostrasse. Igual nós estamos trabalhando no período da eleição, desse período histórico que

nós estamos vivendo e a gente partiu para o tudo ou nada, que aí a gente está trabalhando assim, pegando curtos, textos curtos, pegando música, dando não sei se é do Bezerra da Silva, que tem uma crítica, e aí a gente está discutindo e mostrando para eles o que é um governo Lula, que o progresso do governo Lula, que nós conquistamos, e o que é um prejuízo que nós tivemos nesses anos aí do governo, porque era o único jeito da gente desvelar, não dava para ir na metáfora, porque, por incrível que pareça, mesmo nós trabalhando lá, estamos com trabalhadores e trabalhadoras, pessoas que passam muita dificuldade, se a gente não desvelar de forma assim muito concreta, eles não conseguem enxergar.

Até uma época, um companheiro esteve aqui conosco conversando com os educadores e isso foi muito bom, porque nós também levamos para eles de uma forma concreta. E eu tinha pedido isso: “Companheiro, desvela essa coisa do que que é a questão do alimento, de você não ter o alimento armazenado, que que isso infligiu no aumento”. E aí a gente foi levando para eles, porque não é uma coisa que eles vivenciaram, eles vivenciaram porque uma dona Fulana, de 82 anos, com certeza viveu o período da ditadura muito mais forte do que eu, né. Mas assim, é como se “não me atingiu”, é bem complicado. E aí, neste período que nós estamos passando, a gente resolveu trabalhar mesmo com os temas, com eles, o tema da eleição, quais são as vantagens de quais são os prejuízos que... olhe, nós do Mova fomos encurraladas... Ou a gente mostra de fato o que é que aconteceu. Olha, vocês leem... Então assim não é vocês lendo, é com dados. Então, a forma com que a gente consegue trabalhar a questão neste período que nós estamos vivendo é numa forma muito concreta no MOVA, tem que ser, porque embora eles tenham passado todas dificuldades, toda essa pressão do governo, eles não se sentem, é como

se não se sentisse aquele ser histórico se a gente não dissesse para ele: “Olha, você está aqui”. A conquista das empregadas domésticas tem a ver com você, né? Da questão do que foi, do ganho que as empregadas domésticas têm e aí elas compram o discurso das patroas: “Ah, mas você perdeu o emprego”, “teve desemprego”. Então é assim, esse contexto histórico no qual a gente está com esta população, que já foi negligenciada e o pouco que tem, eles têm medo de perder. Eu tenho medo de perder, de deixar de ir trabalhar na casa de X e Y, se eu me manifestar. Então assim é um período, mas a gente no MOVA, ainda agora mesmo uma companheira estava falando que trabalhou a questão da importância do voto e ela falou isso: “e se a supervisora chegar?”.

Eu fui lá: “se a supervisora chegar, ela vai chegar e você vai falar pra ela que você está trabalhando”. Eu até comentei com meu supervisor que ele foi na segunda e uma das educadoras estava trabalhando uma música que falava da questão do ladrão de colarinho branco, né? E quem era o colarinho branco? E eles, muitos deles, chegaram: “é o Bolsonaro” e tudo, e o supervisor chegou na hora. Era um supervisor bem... ele é também de esquerda. Ele achou o máximo, ficou e assistiu toda a aula. Aí eu brinquei com ele: “Ainda bem que você não veio a semana passada, porque na semana passada as nossas mesas estavam cheio de cédulas, né?”. Então assim e a gente, porque com eles tem que ser muito concreto. Não dá para a gente levar uma pessoa, por exemplo, para fazer um debate. O debate político com eles tem que ser mostrado no concreto, no real, que o que que infligiu, quais são os direitos que eles perderam, né? O que é que é ter o benefício, que a gente fala “não é nada”, os direitos de uma empregada doméstica. Para as pessoas que sempre tiveram direitos conquistados, isso não é nada, mas para aqueles e aquelas que não tiveram, se você não

mostrar, ela vai falar que está tudo bem. Sabe, veio lá de cima, não veio lá de cima, tem uma luta por trás. Então, assim, eu não sei se eu consegui ser clara com você, aí eu queria dar o mérito um pouco da minha formação de movimentos aí, não só a questão da formação política que eu tive, política partidária dentro do PT, né, entrando no sindicato dos bancários, mas ao outros companheiros, né? Eu falo que quem pegou na minha mão, me levou pros movimentos populares, foi um professor. Ele que me levava aí no Jardim Miriam, na Mata Virgem, pra gente conhecer, e depois a gente ia lá conversar com a população, falar de orientação sexual, então assim, foi ele. Então, eu queria... a minha entrada nos movimentos sociais foi através, pela mão de um professor. Ele que me levou, ele que me mostrava a população organizada, porque até então eu tinha luta sindical, mas não tinha essa luta dos movimentos sociais.

_ Obrigada, companheira. Acho que você complementou bem a sua fala e expôs muitos elementos que são importantes para nós, inclusive essa questão da memória. Você também trouxe no início da sua fala quem são os alunos, que você não chama de alunos, você chama de educandos, né? Quem são os educandos? Educando... Eles têm gênero, eles têm classe, eles têm raça. Então eu acho que você também trouxe um pouco disso aqui, né? E tem esse trabalho doméstico que é domesticado. Então tem essa ideia também de domesticar, de servir, de servidão, de serviçal. Eu acho que você acabou também fazendo essas camadas que pra trabalhar precisa dar concretude, porque isso foi feito aí lá na subjetividade, construído historicamente no nosso país. Então, acho que sua fala é muito importante. A fala de todas são muito importantes para nós. Estamos aqui justamente acessando essa memória, que parece individual, mas ela é povoada porque ela é coletiva, ela é construída. E como vocês

trouxeram, a partir de uma fusão e de uma sinergia mesmo, uma confluência com outras pessoas, com outros atores do território. Eu quero perguntar se vocês têm algo assim que não foi dito até o momento que vocês gostariam de acrescentar nessa temática, pensando no gênero, pensando na resistência, pensando nas opressões que ocorreram ao longo dessas décadas, sobretudo do período da ditadura. Se vocês gostariam de acrescentar mais alguma informação para nós, para contribuir com essa, com essa memória mesmo. Essa possibilidade e esse privilégio de poder acessar a memória de vocês nessa noite.

_ Ah, eu lembrei agora falando de memória, que as companheiras começaram e se completaram. Lembrei que da época, né, que era a efervescência dos movimentos sindicais e assim será lembrado, dos atos lá no Euclides, no estádio lá, né, que a gente teve lá. E teve também repressão, tudo. Mas tava lembrando dos apoios que a gente fez também, que era junto, né, que a gente faz hoje em relação a cestas básicas... para pedir apoio para pessoas que tinham sido demitidas, os trabalhadores e trabalhadoras que tinham sido demitidos na época da greve. Então a gente fez um trabalho de cestas básicas, de conseguir manter aquela família, não só nesse momento, mas também em outros momentos também aí que a pessoa estava sendo perseguida, que a gente tinha que dar guarda porque ela estava sem emprego, auxílios. E eu estou lembrando que a gente passou aí, vivenciou desde 73, com a morte do Alexandre Vanucchi, depois em 75 foi o Herzog, Vladimir Herzog, depois foi o Manoel Filho, depois foi o... 79. E aí eu vivi na pele, foi o Santo Dias, né, meu companheiro que estava junto com Santo Dias e outros companheiros fazendo piquete em frente da Silvânia e a polícia chegou. Eles eram cinco pessoas. Chegaram, quatro sem os cinco carros de polícia com eles. E

aí começou, eles atiraram e mataram o Santo Dias. E como era piquete, saía cedo para fazer os piquetes, como a gente participava também, acho que uma companheira participou desse daí de panfletagem na porta da fábrica, de colagem, nessa época a gente fazia muito esse processo. Eu já trabalhava na creche do Jardim Miriam, então para ver a questão da mídia e do fake news. Eu tava lá trabalhando e o pessoal ouvia aquele programa, tinha um programa sensacionalista desse de ficar relatando o crime, o Gil Gomes. E uma das pessoas que trabalhava lá, chegou pra mim e falou “Acabei de ouvir agora, mataram o Santos Dias. O Gil Gomes disse que matou o Santos Dias e foi o espanhol que matou”. Eu falei: “que espanhol, da onde? O único espanhol que está lá era meu companheiro, que matou da onde, quem que está falando isso?”. Então pra vocês verem como a mídia é e depois esse outro que era o policial, ele só foi inserido, porque um dos operários conseguiu se esconder ali atrás de um poste e conseguiu descrever quem atirou ou como atirou. Depois teve todo um processo de quererem esconder o corpo, e se não fosse o Dom Paulo Evaristo, que era arcebispo de São Paulo na época, eles tinham sumido com o corpo e tinham penalizado. Então, como as coisas se repetem hoje, as coisas não são diferentes do tá, que hoje a gente está vivendo momentos de muita truculência, de muita violência.

E como a verdade muitas vezes tentou nos calar. Então eu tava querendo lembrar disso melhor, agora vocês falando, lembrei dessa memória aí. E esse ano vai fazer 44 anos. E a gente todo ano, no dia 30 de outubro, foi de 79, 30 de outubro, 79, eu estava grávida nessa época e depois teve todo o processo do meu companheiro ter que ficar escondido porque... E do processo de até provarem que na verdade quem tinha matado o Santos Dias era esse policial, era a PM. Todo ano, dia 30 de outubro, a gente se reúne, vai lá na frente da fábrica, que era a

fábrica, hoje é um condomínio que tem lá e escreve: “aqui foi assassinado o Operário Santos Dias pela Polícia Militar”. Então eu acho que essa coisa da denúncia de como é fundamental, de estar presente, de estar denunciando, estar anunciando também o futuro, que é possível ter uma outra, um outro projeto de vida que não é esse sistema aí capitalista tão truculento que só gera violência, morte, tudo a troco do lucro. Então, eu acho que essas memórias também são importantes.

Outra coisa que eu também, estamos lembrando agora. Que coisa simples que a gente fazia na época, né, a gente foi fazer uma missa lá do Santos Dias e depois lá no Departamento de Ordem Política, né? O DOPS, tudo esses documentos eram com você, era vigiada, você era, estavam lá os boletins, tinham... Gente, tinha um Jornal da Gente na região e esse Jornal da Gente tem algumas edições que tá lá no arquivo. Tem o relato dessa missa, tinha outras coisas, como as pessoas que participavam, as lideranças eram fichadas também. E depois que as próprias empresas passavam a ficha das lideranças e você ficava, as pessoas ficavam marcadas para conseguir novos empregos, tudo porque isso circulava entre as empresas. Então, esse processo de que “queremos calar”... É um processo que a gente tem que que estar resistindo, mas é um processo duro que muitas de nós viveu, sentiu na pele e muitas de nós ainda sente hoje que é toda a discriminação por gênero, raça e classe, a classe social mesmo. Então eu acho que a gente tem um grande, um grande trabalho de formação, de articulação e de organização para que a gente supere esse sistema. É um grande caminhar ainda a ser feito.

_ Obrigada pela sua fala, é muito importante. Vocês sabem que eu digo sempre a memória e acessar nem sempre é algo que nos traz um conforto, às vezes também nos traz desconforto. E como a memória também é escutada, acessar essas

Em todas as categorias de emprego, cada vez mais é preciso cumprir metas mais elevadas deixando as pessoas inseguras, sem poder pensar em planejar seu futuro nem mesmo a curto prazo. Com a precarização do trabalho, o custo de vida elevadíssimo e a ausência de políticas públicas que mantenham a classe trabalhadora em segurança, se a população empregada se vê na necessidade de buscar outras formas de complementação de renda, o que esperar das condições de vida das pessoas que estão em subempregos ou desempregadas?

Todo esse processo de precarização e falta de empregos mina as relações das pessoas dentro e fora do ambiente de trabalho. Ao produzir uma classe trabalhadora com ausência de direitos e deficiência de recurso financeiro, diminuição de vaga no mercado de trabalho, ausência de políticas públicas para geração de renda e manutenção da vida, os níveis de desconfiança entre as pessoas aumentam, impossibilitando a

construção de relações sociais que permitam o interesse em trabalhar coletivamente. Como conseguir cuidar do social quando as pessoas não estão conseguindo cuidar nem mesmo do seu núcleo familiar ou de si?

Para conseguir mudar esse quadro é justamente nesse momento que precisamos reorganizar os coletivos. Com uma sociedade adoecida física e psicologicamente, sem renda, sem emprego e sem comida na mesa, é preciso rediscutir as formas de organização grupal.

Em todos os espaços de organização popular é preciso discutir numa linguagem acessível a todos que só vamos conseguir nos reerguer e resolver os nossos problemas se criarmos alternativas coletivas.

Atividades como aulas públicas, rodas de conversa, saraus, lives vão permitindo que mais pessoas comecem a pensar sobre os problemas. Cada uma dessas ações são formas de resistências para manter a nossa existência..."

memórias, poder fazer esses registros é importante até por um dado que você trouxe aqui, em algum momento você conseguiu verificar essa documentação, onde essas pessoas foram fichadas. E a gente precisa construir também essas narrativas, porque parece que a opressão começou ontem, começou só no período e aí fica naturalizado, as coisas ficam naturalizadas e quando a gente tem isso é... Mais presente, para que as pessoas não se esqueçam mesmo de todas as atrocidades que já aconteceram, para que algumas coisas não se repitam, né? Eu acho que é uma possibilidade da gente construir a partir de outro lugar.

_ É assim... Porque quando eu olho para épocas de 1960, 58, que eu estava na escola de 56, 58, era no ensino primário, de primeira à quarta série, então a escola, quer dizer, era uma escola do interior e a escola ela tinha na escola filhos de todo mundo, né? Assim, as pessoas que eram mais simples e também filho de delegado, filho de professora, filho de promotor, sabe? Então todas as camadas sociais ali frequentavam aquela escola. Não tinha escola particular na cidade não. E só que tinha assim quem repetisse dois anos e por aí fora, porque já era época que tinha jubileamento e eu, claro, uma pobre coitada lá na escola, não sentia como o filho lá do médico ou o filho do dentista. E as professoras, tinha professoras, quer dizer, falo assim da minha sala de aula, que eu estava lá, tive professoras assim, muito, muito humanas, mas também tive professoras que faziam assim diferença dos alunos. Então eu tinha o cabelo crespo, minha mãe não tinha tempo para estar cuidando do cabelo da gente. Então, às vezes era cabelo grande, a professora falava "ai, qualquer hora vou trazer uma tesoura, cortar esses cabelo que ninguém cuida". E aí também colocava assim a gente na frente da sala de aula quieta, criança

bobinha, não sabia se defender também e que também tinha medo de contar em casa porque assim, na casa da gente é assim, se você vem com algum problema da rua, o ruim é você, entendeu? Então a professora falava assim: “olha a roupa dessa, olha a roupa dele, olha bem, todo bonitinho, arrumadinho, olha uma dessas, roupa até sem botão que não sei quê”. Sabe, assim, fazendo esses tipos de referências, né? Então coloca assim como que já tem ali e sempre teve, né, mas também dentro das salas de aula, com o professor e o professor fazer esse tipo de discriminação antes. Então coloca-se aqui discriminação lá nessa época, né?

E aí quando eu venho, eu vou falar um outro fato também assim aqui de São Paulo... eu fui coordenadora em uma escola, que é na região. Essa escola tinha um quintal, um terreno muito grande e assim quase uma quadra, né? Só que daí, depois de um tempo, eles fizeram uma delegacia, depois de 80, não sei, a delegacia e tinha um outro terreno muito grande, que o Estado parece que devia alguma coisa para a prefeitura, então construiu uma outra escola e construiu o prédio todo e entregou para a prefeitura. Só que assim, quando era no final do ano, época de matrículas, então as matrículas para a primeira série... O colégio fez todas as matrículas de primeira série da região. E depois foi assim, foi x alunos, então tantos alunos iam para a escola que ia ser inaugurada, iniciada, e porque a outra parte ia ficar na escola antiga mesmo. Bom, nós fizemos a ficha de acordo com a entrada, sem problema nenhum. A diretora vinha com um negócio: “quais as fichas da primeira série?” Foi lá: “esse vai, esse fica, esse vai, esse fica”. Agora você imagina quem é quem, quais os alunos que iam pro novo e quais os que iam ficar. A classificação ali foi pela cor, entendeu? Então foi essa a composição, a da nova escola, no primeiro ano. Entendeu? Por conta que tinha uma diretora na esco-

la, que para mim era preconceituosa e racista, então dividiu as crianças pela cor. Mas a gente também via, ouvia muitas coisas, como a gente falou dos preconceitos e a gente não falava nada, não denunciava, não falava nada e assim recebia 100 alunos que chegavam a falar: “também olha a cor dele”, falavam assim: “Ah, esses meninos não para quieto, também olha a cor dele, sabe?”. Então, para ver esse viés que a gente viu bastante lá no presencial.

_ Obrigada mais uma vez pela sua fala. Ela é muito importante, né? Porque a gente tem dados, tem discussões que são recentes, mas a opressão aconteceu desde sempre no nosso país, então é importante também a gente fazer esses registros, né? Porque às vezes a gente também escuta que bullying sempre teve, mas o racismo nunca aconteceu na educação, nunca aconteceu na escola, que isso nunca aconteceu. Então a gente também precisa olhar para esses lugares de como as coisas aconteceram. Eu acho que a gente já pode ir fechando, né? E repito aqui, se vocês quiserem, enquanto fechamento, trazer alguma informação, trazer algo que vocês entendem que seja importante para a gente também já ir fechando.

_ E eu vou fazer já o meu fechamento. E eu queria só acrescentar na questão de gênero, né, por que é que eu sempre faço essa reflexão? Outro dia eu fui chamada para falar sobre o MOVA e eu sempre faço essa reflexão: por que 85% da população do MOVA são mulheres e negras? Isso tem um dado que a companheira acabou ilustrando antes de mim, exatamente isso! Essas mulheres, a elas foi negado todos os direitos de cidadania. Então, por exemplo, em um MOVA da região, 85% são pessoas pretas e 90% são mulheres. Então, essas mulheres não estudaram porque não quiseram? E a elas foi negado esse

direito. Então, assim, se a gente for falar do preconceito que nós, eu, nordestina recém chegada, eu cheguei em São Paulo em 80, final de 80 para início de 81 e logo passei no concurso, fui professora efetiva... Não sei se vocês conhecem a pessoa que me recebeu, que também era a mulher negra que sofria a mesma coisa que eu sofri numa escola elitista, apesar de pública, que tinha o lado dos nordestinos, gays e negros. O outro lado era das mulheres paulistas que tinham seus motoristas...

Um dia ouvi: "Vocês acreditam que uma coordenadora, aquela cabeça chata, vai ser a nossa coordenadora?". Então, gente, assim como disse a companheira, o preconceito sempre existiu e a gente era tão acuada por isso que às vezes eu compreendo os nossos educandos e educandas, porque parece que as pessoas nos alijam, sabe? Porque se hoje, se fosse hoje um camarada daquele me falasse aquilo, ele ia parar no mínimo na cadeia, né? E eu fiquei acuada diante do comentário dele, desse professor que primeiro estava putado, que na época que eu passei no concurso eu tinha 20 anos, tinha terminado a faculdade de matemática e estava escolhendo com ele. Aí ele falava assim ah, ele debochava do sotaque, riam, né? E aí eu desconstruí a história da matemática, a gente compartilhava e eu chegava, eu cheguei e falei para os nossos alunos, eu falei: "a partir de hoje ninguém mais vai ser reprovado em matemática. Eu vou tornar matemática a matéria mais prazerosa dentro desta escola". E ele ficou indignado, Foi lá reclamar para a diretora, mas já era uma pessoa que tinha um nível de consciência e tudo, e aí eu só não vou me alongar, que esse é um outro momento pra gente conversar sobre a história dos preconceitos que nós sofremos. E assim, esta escola do é uma escola da nossa região, uma escola pública e que a gente não acredita. Agora vocês vejam se acontecia isso comigo, coordenadora pedagógica, efetiva, por um direito de ter escolhido,

imagina o que eles não faziam com os nossos educandos e educandas, com os nossos alunos lá? Então era assim, era o lado dos brancos do lado dos negros. E aí eu fico pensando, por isso que às vezes eu me coloco muito no lugar dele, a gente via, constatava isso e não reagia, né, como era, a gente fica imaginando como nós engolimos tanta coisa e deixamos passar, né? Tinha uma professora de língua, uma pessoa que ela falava, ela já chegava no início do ano e falava: “esses não vão passar”, quando eu era colega de trabalho dela. Aí no dia, quando eu assumi a coordenadora, eu falei pra ela: “A primeira coisa que você vai fazer é... Não existe falar sala agora do quem passa e do quem não passa”. Mas foi uma luta, porque você chega cedo numa escola que era de professor de professoras, que a maioria tinha motoristas, era o lado dos brancos. Nós éramos três que nos sentávamos do lado dos brancos, do lado de lá, dos que tinham motorista, nós éramos usuários do transporte público. Então a gente não sentava, então essas são as histórias que cabe mais uma noite, né, pra gente conversar e pra gente dialogar sobre os preconceitos que a gente vivia.

_ Mas gente, olha, desde já eu quero agradecer imensamente. Ouvir as companheiras, ouvir vocês é sempre um aprendizado. E muito obrigada! Estão convidadas e convidados a conhecer o MOVA. Eles têm muito, agora as meninas estavam mandando foto porque a gente está preparando um lanche especial na quinta feira, então eles estão todos eufóricos. Então, muito obrigada pela oportunidade da partilha, né, que falar um pouco da nossa história também a gente vai refletindo, vai vindo coisa, por isso que eu digo, se não encerrar a gente vai até meia noite!

_ De assunto não falta, né. Falta é tempo!



Nós reconhecemos que ainda há muito para mudar para que todas nós tenhamos os direitos respeitados e sabemos que a luta não será fácil, mas também reconhecemos toda a nossa diversidade, criatividade e as conquistas. Temos mulheres fantásticas atuando nas mais diversas formas de expressão: na cultura, na medicina, nas pesquisas, na política, na literatura, nos movimentos populares, na educação. Temos as cozinheiras, merendeiras, benzedoras, motoristas, construtoras. E assim vamos nos completando, somando, ampliando nosso olhar para o mundo como quem acredita na capacidade de transformar.

Nosso lugar de fala.
Expresso Periférico,
março de 2021.
Disponível em:
<https://expressoperiferico.org/nosso-lugar-de-fala/>

— É, olhar o passado é iluminar o futuro, né? A gente não faz essa revisão do que é o passado, você não consegue tar. Eu acho que tem esse apagamento da história, essa não... Que a gente aprendeu, né, cê vê como a escola em termos de história, como contou muito mal a nossa história. E contou sob o ponto de vista de quem, né? Então nós estamos hoje vivendo o que estamos vivendo, fruto de todo um descaso aí, né, com a população que fez esse país, que fez essa nação e que, que é desconsiderada, silenciada, oprimida. E que interessa, que eles tão pouco se lixando, né? Quantos se vai morrer, se não vai, dependendo do porque os lucros estão garantidos, independente disso. Então se produz arma ou se produz alimento,

desde que entre a grana, tudo bem, né? Então eu acho que isso, mais do que nunca a gente precisa estar discutindo, né, voltando esses espaços de troca de... pra estar se fortalecendo e resistindo aí, né, resistindo e podendo sonhar o amanhã e sonhar e concretizar esse amanhã.

A necessidade de lutar pela vida acabou virando uma demanda diária, diante de tantas vítimas da COVID-19 e através das ações da Marcha Mundial das Mulheres, nossas convidadas para a matéria dessa edição, podemos compreender que as velas acesas em sinal de respeito à dor de todas e todos, em memória aos que se foram, ao sentimento de luto deve despertar em cada uma e cada um de nós; a coragem para se engajar na luta permanente para destruir a estrutura da nossa sociedade tão desigual..."



Ação das velas – Memória, Luto e Luta.
Expresso Periférico, outubro de 2021.
Disponível em: <https://expressoperiferico.org/acao-das-velas-memoria-luto-e-luta/>

– Eu quero agradecer aí o convite, né, a participação, tudo e dizer que também é uma forma assim muito prazerosa da gente estar conversando com as pessoas, principalmente quando tem as partes das histórias, assim comum. Então pra gente ficar lembrando porque isso fortalece a gente, deixa a gente assim, é muito, sei lá, feliz, contente saber que a gente tem uma história e que essa história não é só a minha, tem outras histórias iguais a minha, né? Só é palco de lugares

diferentes. Então agradecer aí esses momentos bons, tá? E eu estava lembrando agora mais uma! Por isso que vai puxando o fio de novelo e não para nunca. Tava lembrando aí com as companheiras, a construção dos cursos das Promotoras Legais Populares, que a gente manteve durante cinco anos e como foi fundamental para a construção de mulheres, né, que cê percebia que saía diferente de quando entrou, porque você tinha um espaço de troca de refletir sobre a sua história, sobre a história deste país, que foi tão oprimido, tão... que se você não tem isso, você também não se liberta, né, e como essas mulheres muitas vezes conseguiam no final do ano, quando iam receber seu certificado lá, a fala era completamente outra, né, elas tinham se empoderado porque tinham adquirido, que era um ser de sujeito, de que merecia respeito e igualdade de direitos e não sendo tão violentada em todos os aspectos da vida, né.

_ Bom, mulheres, gratidão por toda a narrativa. Já falamos, né, nós convidamos outras companheiras, mas ainda vamos tentar também ouvi-las, acho que é muito importante, né, elas têm também, assim como vocês, muitas mulheres que a gente não conseguiu e não vai dar conta de uma única roda, de um único momento, mas que a gente pretende ir tecendo quando surgirem essas oportunidades. Então acho que é muito importante a fala de vocês. Quero agradecer a todas.



O Memorial da Resistência de São Paulo é uma instituição cultural vinculada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. Inaugurado em 2009 é dedicado à preservação das memórias políticas da resistência e da repressão no período republicano brasileiro, com especial destaque para a ditadura civil-militar (1964-1985). Fundamentado ainda por um Plano Museológico, elaborado em 2010 e atualizado em 2019, a instituição desenvolve-se por meio de seis linhas de ação: Lugares da Memória, Coleta Regular de Testemunhos, Centro de Referência, Programa de Exposição, Ação Educativa e Ação Cultural. Articuladas, essas linhas possibilitam à instituição atuar no campo da pesquisa, salvaguarda e comunicação patrimoniais tendo como enfoque os conceitos de resistência, controle e repressão política fundamentados, principalmente, nas memórias de indivíduos e grupos que resistiram ante a violência do Estado e a supressão dos direitos constitucionais em nosso país. No entanto, tendo como pressuposto a ação museológica numa perspectiva processual, o Memorial não só se devota à memória política brasileira, mas a articula com as questões contemporâneas.

Por esta capacidade de articulação com o contemporâneo, e por possuir uma forte orientação formativa e educacional, é que, para o Centro de Referência do Memorial da Resistência de São Paulo é uma enorme alegria e satisfação apresentar ao público a potente publicação coletiva “rExistência tem voz

de mulher”, produzida pela Coletiva de Mulheres – Expresso Periférico a convite do Acervo Bajubá e inserida no contexto do projeto *Percursos Curatoriais*.

O Projeto Percursos Curatoriais tem por objetivo uma intensa investigação a partir do acervo do Centro de Referência do Memorial da Resistência e busca ampliar o debate e o conhecimento sobre assuntos caros à instituição, visando a difusão do acervo e dos conhecimentos gerados a partir dele junto ao público do museu. Neste ano, vislumbrando subsidiar as discussões para o desenvolvimento da nossa próxima exposição temporária dedicada às memórias das mulheres militantes no contexto da última ditadura e sua presente atuação em nossa história, convidamos o coletivo Acervo Bajubá para desenvolver, em parceria, uma pesquisa em nosso acervo sobre o tema “Gênero e Ditadura”. Como processo, o Percursos Curatoriais gerou uma imersão de pesquisa em nosso acervo e o desenvolvimento de um dossiê temático sobre gênero, memória e ditadura, da qual essa publicação faz parte.

Como resultado, temos a possibilidade de nos dedicarmos a um tema caro à contemporaneidade e, institucionalmente, o Centro de Referência, este espaço físico e virtual destinado à conexão de fontes de pesquisa sobre o repertório patrimonial do Memorial, ganha entrevistas, vídeos e publicações que ampliam a reflexão e a promoção da cidadania e da democracia, voltamos à valorização de uma cultura em direitos humanos. Assim, frente à urgência do tema, temos a alegria de incorporar em nosso acervo, como fruto desta parceria, um conjunto de importantes memórias e ações que trazem como foco a perspectiva da luta por maior igualdade no debate sobre gênero, raça e sexualidade – temas que devem ser um permanentemente norte em qualquer política reparatória ou ação que busque mais justiça social!



A Coletiva de Mulheres é formada por mulheres que se agruparam com esse nome a partir das demandas da coluna Nosso Lugar de Fala, do Expresso Periférico - um boletim digital. As mulheres presentes nessa construção coletiva, sentem a necessidade de espaço de fala e de socialização de suas narrativas sem que as visões machistas, introjetadas e tidas como normais pela sociedade, pautem as falas dessas mulheres. A Coletiva de Mulheres está em processo de construção permanente por compreender que vivemos num mundo orgânico e, assim sendo, aberta para a entrada de todas as manas que, assim como nós, sejam mulheres com várias visões e modos de vida, lutando para construir discussões e práticas políticas e filosóficas que respeitem as mulheres, valorizando-as dentro da sociedade não-machista.

+ linktr.ee/coletivamulheres



EXPRESSO PERIFÉRICO

O Expresso Periférico é um periódico produzido por pessoas das regiões de Cidade Ademar, Pedreira e Jabaquara (SP) e nasce da inquietação de um grupo de militantes e ativistas por educação, cultura, saúde, moradia, direitos humanos e cidadania.

A proposta do periódico é trazer contribuições e reflexões para o debate e formação política acerca de diferentes temas e assuntos importantes para a população da nossa região e até para outras regiões adjacentes. Com uma população estimada em mais de 410 mil habitantes (Censo de 2010), somando-se a população de Cidade Ademar e Pedreira, mais quase 224 mil de Jabaquara, estamos mediante um público de mais de 630 mil pessoas quando são levadas em conta essas duas subprefeituras da cidade de São Paulo. Acrescentam-se alguns outros milhares que circulam entre as bordas da cidade de São Paulo e Diadema, município com que essa extensa região faz limite de território e com tantos problemas em comum.

A ideia do projeto é, portanto, criar um elo de comunicação, reflexão e debate permanentes, na busca por divulgar e mesmo incitar ações que visem a transformar a realidade das pessoas, na luta por melhorias na vida dos trabalhadores e trabalhadoras que moram ou atuam na região.

+ expressoperiferico.org



O Acervo Bajubá é um projeto comunitário de registro de memórias das comunidades LGBT+ brasileiras. O projeto se iniciou em 2010 com o objetivo de constituir um acervo documental voltado para a preservação, salvaguarda e investigação historiográfica da arte, memória e cultura LGBT+. Como parte de sua proposta de promover e difundir a cultura, o patrimônio histórico e artístico e as memórias das comunidades LGBT+ brasileiras, o Acervo Bajubá colabora com exposições, promove capacitações sobre história e memória LGBT+ e produz projetos audiovisuais de registro, mediação e circulação de narrativas sobre as histórias de pessoas LGBT+ no Brasil.

+ acervobajuba.com.br



Agrupamentos é uma iniciativa editorial de pesquisa-ação em memória pública, comunicação comunitária e economia solidária. A proposta parte de uma metodologia de trabalho processual que envolve atividades de diálogo, formação, criação, desenho e circulação de publicações coletivas que reverberam memórias e narrativas invisibilizadas de territórios, identidades e comunidades diversas.

+ [@seloagrupamentos](https://www.instagram.com/seloagrupamentos)

AGRADECIMENTOS

Aline Gabriele Lima de Oliveira, Ana Cristina Nunes Silva, Bruno O., Cícera Batista, Dina Alves, Gabriela Francisco de Oliveira, Janaína Fidell, Julia Gumieri, Laura Daviña, Loreta Façanha, Luciene Mauch, Marcela Faria da Rocha, Maria Paula Botero, Maria Soares de Carvalho, Marilene de Camargo, Mônica Nador, Nadir da Silva Gordinho, Naná Roots, Natália Cruz de Sousa, Regina Cândida Bela Conceição, Renata Gibelli, Solange Cristina, Terezinha Garcia, Todas as mulheres que estiveram, estão e estarão na Coletiva.



Sumário

- 5_** Por onde ecoaram nossas vozes?
- 11_** Ninguém vai nos silenciar
- 31_** Por onde ecoam nossas vozes
- 71_** Sobre o Memorial da Resistência
- 73_** Sobre a Coletiva de Mulheres
- 74_** Sobre o Expresso Periférico
- 75_** Sobre Acervo Bajubá e Selo Agrupamentos

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO

Evinha Eugênia
Florença J. Castoldi
Marilene Geronimo
Zulmira Fonseca

CAPTAÇÃO AUDIOVISUAL

Andressa Maciel

TRANSCRIÇÃO

Yuri Fraccaroli

PROJETO EDITORIAL

Bruno O. e Laura Daviña

PROJETO GRÁFICO

Coletiva de Mulheres
e Laura Daviña

DIAGRAMAÇÃO

Laura Daviña

REVISÃO TÉCNICA

Bruno O.
Marcos Tolentino
Yuri Fraccaroli

PARCERIAS

União Deixa ela tocar! - Casa Delas
Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito de Alencar Lima
Comitê de Luta Cidade Ademar, Pedreira e Jabaquara
Encontro Literário #Caiu na Rede é Cultura
JAMAC - Jardim Miriam Arte Clube
Expresso Periférico
Rádio Poste
Sarau do Vinil
Memorial da Resistência de São Paulo
Parquinho Gráfico/Casa do Povo
Acervo Bajubá





COM AS MINHAS

CONSIGO NASCER

UM POUQUINHO

MAS TODOS

OS DIAS

Esta publicação foi composta com as fontes Trueno e Covered By Your Grace, tipografias de licença livre SIL (OFL) criadas por mulheres. A primeira tiragem impressa foi produzida com PSSP estúdio, no Parquinho Gráfico da Casa do Povo, em março de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Resistência tem voz de mulher / organização Evinha
Eugênia...[et al.], -- 1. ed. -- São Paulo :
Agrupamentos, 2023.

Outros organizadores: Evinha Eugênia, Florencia
J. Castoldi, Marilene Geronimo, Zulmira Fonseca.
ISBN 978-65-999241-2-5

1. Ditadura - Brasil - História - 1964-1985
2. Histórias de vidas 3. Memórias 4. Política social - Brasil
5. Relatos de experiências 6. Resistência ao governo I.
Eugênia, Evinha. II. Castoldi, Florencia J. III. Geronimo,
Marilene. IV. Fonseca, Zulmira.

23-149051

CDD-320.98108

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Ditadura militar : Memórias : História política
320.98108

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



AGRUPA

